

# Defendendo uma Sociedade Anarquista

Determinando se o anarquismo pode manter sua viabilidade como uma teoria revolucionária dentro do escopo e contexto de se uma sociedade anarquista estabelecida é suficientemente capaz de se defender contra agressões militares externas

Chris Beaumont

2017

# Conteúdo

|  |           |
|--|-----------|
| Resumo . . . . .   | 4         |
| <b>Introdução</b>  | <b>5</b>  |
| Parte 1: Necessidades . . . . .                          | 6         |
| Parte 2: Capacidades — Análise . . . . .                 | 6         |
| <br>   |           |
| <b>Parte 1: Necessidades</b>                             | <b>8</b>  |
| <br>   |           |
| <b>Capítulo 1: A sociedade anarquista estabelecida</b>   | <b>9</b>  |
| 1.1: O que é anarquismo? . . . . .                       | 9         |
| 1.2: Ajuda Mútua . . . . .                               | 10        |
| 1.3: Anarco-comunismo . . . . .                          | 11        |
| <b>Capítulo 2: Problema de defesa</b>                    | <b>13</b> |
| <b>Capítulo 3: Instituições anarquistas</b>              | <b>15</b> |
| 3.1: Coordenação sob o anarquismo . . . . .              | 15        |
| 3.2: Milícia de Ajuda Mútua . . . . .                    | 16        |
| 3.3: O que constitui sobrevivência? . . . . .            | 17        |
| <b>Capítulo 4: Como avaliar a defesa anarquista</b>      | <b>18</b> |
| 4.1: Isolando o anarquismo . . . . .                     | 18        |
| 4.2: Dimensões centrais da estratégia . . . . .          | 18        |
| 4.3: O que determinará a vantagem estratégica? . . . . . | 20        |
| <br>   |           |
| <b>Parte 2: Capacidades — Análise</b>                    | <b>21</b> |
| <br>   |           |
| <b>Capítulo 5: Pessoas e política</b>                    | <b>22</b> |
| 5.1: Pessoas . . . . .                                   | 22        |
| 5.2: Sociedade . . . . .                                 | 22        |
| 5.3: Cultura . . . . .                                   | 23        |
| 5.4: Política . . . . .                                  | 24        |
| 5.5: Ética . . . . .                                     | 24        |
| <b>Capítulo 6: Preparativos para a Guerra</b>            | <b>26</b> |
| 6.1: Economia e Logística . . . . .                      | 26        |
| 6.2: Administração . . . . .                             | 27        |
| 6.3: Organização . . . . .                               | 27        |
| 6.4: Inteligência e Informação . . . . .                 | 27        |
| 6.5: Tecnologia . . . . .                                | 28        |
| 6.6: Teoria e doutrina estratégica . . . . .             | 29        |
| <b>Capítulo 7: A Guerra propriamente dita</b>            | <b>30</b> |
| 7.1: Operações militares . . . . .                       | 30        |
| 7.2: Comando . . . . .                                   | 31        |

|   |           |
|---|-----------|
| 7.3: Geografia . . . . .  | 31        |
| 7.4: Atrito, Acaso, Incerteza . . . . .   | 33        |
| 7.5: Adversário . . . . .   | 33        |
| 7.6: Tempo . . . . .  | 33        |
| <b>Capítulo 8: Discussão</b>  | <b>34</b> |
| 8.1: Pessoas e Política . . . . .   | 34        |
| 8.2: Preparativos para a Guerra . . . . .   | 35        |
| 8.3: A Guerra propriamente dita . . . . .   | 35        |
| 8.4: Explicando as falhas do anarquismo, o impacto da pesquisa e sugestões para pesquisas futuras . . . . . | 36        |
| <b>Conclusões e limitações</b>  | <b>39</b> |
| <b>Bibliografia</b>   | <b>40</b> |

## Resumo

O anarquismo, quando aplicado consistentemente, fornece estruturas que permitem estratégias altamente vantajosas na defesa da sociedade, tornando as estruturas sociais anarquistas capazes de defesa contra invasões externas quando totalmente estabelecidas.

Usei as 17 dimensões centrais de Gray da estratégia militar como uma estrutura para o que determina o sucesso estratégico, o que chamei de comunismo autoritário como uma referência para estratégia bem-sucedida ao defender uma sociedade revolucionária, e o anarcocomunismo de Kropotkin como uma estrutura para um anarquismo estabelecido. Comparando estratégias autoritário-comunistas com as estratégias implementáveis sob uma sociedade anarquista totalmente estabelecida em um contexto onde a sobrevivência da sociedade está em jogo, as estruturas anarquistas são mais vantajosas estrategicamente em 16 das dimensões, enquanto ainda se mostram capazes em relação à 17ª dimensão. Por causa dos sucessos defensivos do comunismo autoritário, as estruturas anarquistas sendo mais vantajosas do que o comunismo autoritário neste contexto fornecem base teórica para sustentar que uma sociedade anarquista poderia se defender suficientemente contra a agressão militar.

Demonstrar que sociedades anarquistas são teoricamente defensáveis, fornece um forte contraponto à intuição de que sociedades anarquistas estariam fadadas a cair sob agressão externa se implementadas, portanto, a pesquisa mantém a viabilidade do anarquismo como uma teoria revolucionária dentro deste contexto. Além disso, como a pesquisa foca no anarquismo e sua capacidade de sobrevivência contra estados vizinhos, esta pesquisa fornece uma forte contribuição para a teoria anarquista de relações internacionais que, por causa da negligência do anarquismo em discussões maiores de relações internacionais, significa que esta pesquisa também contribui fortemente para a teoria de relações internacionais como um todo.

# Introdução

Para sobreviver, uma sociedade deve se defender contra agressões; deve-se esperar que uma sociedade incapaz de se defender acabe sendo conquistada. Se uma sociedade anarquista é viável, ela deve ser capaz de se defender contra agressões militares. No entanto, dado que o anarquismo é uma filosofia frequentemente revolucionária (Marshall; 1993; p *x-xi* (*introdução*)), que rejeita a autoridade (Marshall; 1993; p42), e os militares tradicionalmente seguem uma hierarquia de comando (HS; 2017) e são, portanto, autoritários, parece duvidoso que uma sociedade anarquista tenha a capacidade de se defender contra um estado militar e, portanto, seria indefensável e, portanto, inviável como um modelo para uma sociedade revolucionária. Hart define estratégia como '...aplicar meios militares para o fim da política' (Baylis & Wirtz; 2002; p4). Para a defesa anarquista, isso significa saber o que é necessário para a defesa e ter os meios para executá-lo. Responder completamente se as estruturas sociais anarquistas são capazes de defesa eficaz significa, portanto, responder às seguintes questões:

1.  
O que é necessário para uma defesa anarquista suficiente?
2.  
O anarquismo é capaz de atender a essas necessidades?

No entanto, a literatura atual que aborda a defesa anarquista falha em responder a essas questões, em parte porque pouco foi escrito sobre o tópico, mas também porque os poucos trabalhos existentes respondem muito pouco. Taylor (1982) observa que, historicamente, sociedades não estatais, embora internamente estáveis, são geralmente destruídas pela conquista estatal (p168). Kropotkin (1902) ecoa esse raciocínio, observando que sociedades de ajuda mútua auto-organizadas, como comunidades de aldeias, duraram séculos (p115-120), mas foram destruídas pela agressão estatal (p223-227). Woods (2011) também destaca como a revolução anarquista na guerra civil espanhola na década de 1930 teria derrotado o fascismo, mas foi destruída após ser traída pelos stalinistas.

Isso aparentemente confirma a intuição de que sociedades anarquistas não podem se defender. No entanto, esses relatos simplesmente destacam que essas sociedades *foram* destruídas, não se eram *incapazes* de defesa; essas sociedades podem ter feito escolhas erradas. Também não confirma que nenhuma sociedade anarquista poderia ser defensável; outras podem ter sucesso no futuro. O histórico de fracasso do anarquismo, embora potencialmente problemático, não fornece respostas suficientes.

As evidências de apoio à defesa anarquista também não são informativas. Em relação aos anarquistas espanhóis durante a guerra civil, Alexander (1999) destaca como Orwell sustentou que as milícias anarquistas poderiam ter melhorado sua eficiência enquanto mantinham o controle sindical (p254), significando que a centralização não era necessária para a eficiência. Marshall (1993) também observou como Orwell sustentou que os 'anarquistas eram os melhores lutadores entre as forças puramente espanholas' (462). Dolgoff (1974) destaca como Trotsky admitiu que os lutadores anarquistas espanhóis eram superiores ao proletariado russo (p7).

Gelderloos (2010) observa outros sucessos anarquistas, por exemplo, os anarquistas ucranianos alcançaram combate altamente organizado e móvel ao lutar contra a URSS, tornando a derrota dos ucranianos difícil para os bolcheviques (p244-245). Os mapuches defenderam sua sociedade por séculos contra os espanhóis, sendo conquistados em 1865, com as estruturas descentralizadas dos mapuches se mostrando vantajosas em comparação aos astecas mais autoritários, que foram derrotados muito antes porque se renderiam após a perda de um líder ou capital (p247).

Esses relatos de estratégias bem-sucedidas empregadas por anarquistas são encorajadores para o anarquismo. No entanto, apesar de seus sucessos, todas essas sociedades eventualmente perderam. Portanto, não há relatos sobre se o anarquismo, diante da agressão estatal, é *capaz* de se defender suficientemente.

Além disso, essas obras são amplamente baseadas historicamente e, embora potencialmente informativas, por si só, não respondem significativamente à questão sobre quão bem uma sociedade anarquista

*podéria* se defender. Estou analisando as capacidades defensivas do anarquismo no abstrato. Esta é, portanto, uma pesquisa teórica e não histórica. Portanto, embora potencialmente útil, a escrita que aborda diretamente este tópico não pode fornecer descobertas suficientes.

A escassez de trabalhos abordando diretamente este tópico e a ampla natureza teórica da pesquisa significa que esta pesquisa será mais semelhante a um ensaio teórico estendido do que a uma pesquisa tradicional. Isso fornecerá uma estrutura mais aberta, permitindo-me abordar completamente esta questão, apesar do amplo escopo teórico e da falta de material de fonte direta. Portanto, a pesquisa será estruturada da seguinte forma:

## Parte 1: Necessidades

Primeiro, definirei o anarquismo como o desmantelamento da hierarquia ilegítima em busca de igualdade e liberdade, e afirmarei o princípio de ajuda mútua de Kropotkin como um meio praticável de alcançar liberdade e igualdade. Isso me levará a argumentar que o anarcocomunismo atua como um exemplo de uma sociedade que desmantela com sucesso a hierarquia baseada em liberdade e igualdade, justificando, portanto, o anarcocomunismo como a base para um anarquismo estabelecido.

Em seguida, levantarei a questão de que, historicamente, o anarquismo falhou em se defender contra agressões, contrastando isso com os sucessos do que chamarei de comunismo autoritário, argumentando, portanto, que para o anarquismo ser considerado uma prática revolucionária viável, ele deve provar ser pelo menos tão defensável quanto o comunismo autoritário.

Para estabelecer como uma sociedade anarquista se coordenaria contra a agressão, então delinearei a estrutura institucional de um anarquismo estabelecido como instituições democráticas diretas descentralizadas de baixo para cima baseadas na livre associação. Mostrarei como isso é implementado na indústria por meio de comitês industriais e aplicarei essa estrutura à defesa, estabelecendo, portanto, a Milícia de Auxílio Mútuo (MAM's), forças de defesa baseadas localmente em comandantes nomeados democraticamente e operações em larga escala sendo coordenadas por comitê estratégico. Isso estabelecerá as formas organizacionais disponíveis para o anarquismo e indicará o que deve ser alcançado para defender a sociedade, a saber: repelir o inimigo e a preservação dessas relações sociais anarquistas.

Argumentarei então que, como o anarquismo deve provar ser pelo menos tão defensivamente viável quanto o comunismo autoritário para ser considerado suficientemente defensável, as estruturas anarquistas devem ser analisadas isoladamente contra o comunismo autoritário para determinar quais impactos estratégicos ambas as estruturas têm em uma sociedade. O anarquismo será comparado com o comunismo autoritário com base nas 17 dimensões estratégicas centrais de Gray. Portanto, o anarquismo, no contexto da defesa militar, deve provar ser tão ou mais vantajoso que o comunismo autoritário em relação a todas essas dimensões para ser considerado defensivamente viável. A seguir, delinearei como a vantagem ou desvantagem será estabelecida, argumentando que, devido à escassez de evidências diretas, a análise estará aberta a uma variedade de evidências, ao mesmo tempo em que permite um grau de interpretação para garantir uma análise suficiente.

A Parte 1 responderá, portanto, à primeira pergunta. O anarquismo precisa repelir invasores e preservar suas instituições. Para ser suficientemente capaz disso, o anarquismo deve provar que, dentro das 17 dimensões centrais de Gray, ele é tão ou mais vantajoso que o comunismo autoritário ao defender uma sociedade contra agressões.

## Parte 2: Capacidades — Análise

A Parte 2 delineará cada dimensão estratégica e, a partir disso, interpretarei o que o sucesso defensivo em relação a cada dimensão implica. Com base nas estruturas sociais do anarquismo e do comunismo autoritário, descreverei quais estratégias podem ser melhor usadas por cada estrutura social, qualquer estrutura social que seja mais capaz de estratégia bem-sucedida recebe a vantagem nessa dimensão. Após a análise das dimensões, resumirei as descobertas no capítulo de discussão, permitindo-me, portanto, determinar se o anarquismo realmente tem sucesso em comparação ao comunismo autoritário, deter-

minando, portanto, se o anarquismo é capaz de defesa suficiente e, portanto, respondendo à segunda pergunta.

Se o anarquismo provar ser bem-sucedido, abordarei por que o registro histórico não reflete isso, permitindo, portanto, um relato mais completo das capacidades defensivas do anarquismo e, portanto, da viabilidade a esse respeito. Em seguida, refletirei sobre a significância da pesquisa e como estudos posteriores poderiam se basear nas descobertas.

# Parte 1: Necesidades

# Capítulo 1: A sociedade anarquista estabelecida

## 1.1: O que é anarquismo?

Anarquismo é uma filosofia política que defende uma sociedade sem estado (Taylor; 1982; p1). Estados são instituições políticas que reivindicam com sucesso um monopólio sobre a violência legítima dentro de um determinado território, o que significa que o estado deve ser a única instituição capaz de promulgar ou sancionar a violência que é vista como legítima (Munro; 2013). Outros atores podem cometer violência dentro do território do estado, mas essa violência deve ser vista como ilegítima.

Embora Taylor (1982) sustente que um monopólio total nunca foi realizado (p5), a condição de estado pode ser avaliada com base na extensão em que tal monopólio é estabelecido. Se um estado não pode impor suas próprias leis ou integridade territorial, é considerado um estado falido, enquanto estados que defendem suas leis e integridade estabeleceram sua soberania (Barma; 2017). A essência do estado é, portanto, a realização de um monopólio violento. Uma sociedade anarquista seria, portanto, uma sociedade cujos meios de violência não são monopolizados, mas redistribuídos entre o máximo possível da população e não usa a violência para impor decisões (Taylor; 1982; p7).

Definir anarquismo como simplesmente a rejeição do estado apenas fornece uma definição esquemática e negativa do Anarquismo. No entanto, além dessa definição negativa, o que se qualifica como autenticamente anarquista é contestado. Abordarei duas definições.

Marshall (1993) observa como é comum para anarquistas verem a liberdade como o ideal absoluto (p36), enquanto também consideram a igualdade como um objetivo importante (p48) e também se preocupam com a individualidade (p50). A partir dessa estrutura, pode-se identificar o anarquismo como a liberdade e igualdade completas dos indivíduos. Chomsky (1995) vê o anarquismo como o processo de dismantlar a hierarquia ilegítima.

A primeira definição é impraticável demais para ser útil.

Embora a ideia de igualdade e liberdade completas seja útil porque introduz um elemento ético ao anarquismo, tal definição não é praticável. Os humanos são seres sociais e devem interagir, o que significa estar sujeitos às ações dos outros. Kropotkin sustentou que a liberdade individual completa é impossível, mas os indivíduos podem se tornar mais significativamente livres quando se envolvem em um espírito coletivo em relação a toda a sociedade (Miller; 1976; p197). Portanto, sozinhos, os humanos viveriam vidas empobrecidas, tornando as imposições dos outros necessárias. No entanto, isso torna a liberdade absoluta impossível porque estamos sujeitos ao outro. Além disso, o foco nos indivíduos ignora as teorias coletivistas; a necessidade social da humanidade levanta dúvidas de que nossa liberdade seja encontrada sob o individualismo puro, tornando esta definição impraticável e inadequada ao bem-estar humano.

A definição de Chomsky é muito mais útil porque é mais praticável. Enquanto mantém a liberdade e a igualdade (ambos princípios anarquistas importantes), como um guia ético, os anarquistas podem então determinar quais hierarquias devem e não devem ser dismanteladas. Portanto, tenho uma estrutura prática e ética para uma sociedade anarquista estabelecida. O anarquismo será definido como o processo de dismantlar a hierarquia ilegítima com liberdade e igualdade como princípios orientadores. Esta definição moldará então os aspectos essenciais de uma sociedade anarquista estabelecida.

## 1.2: Ajuda Mútua

Se o anarquismo for praticável, devo basear sua estrutura no que os humanos criaram quando estavam livres da autoridade centralizada; essas estruturas do mundo real indicarão então o que é possível para um anarquismo estabelecido.

De acordo com Kropotkin (1902), os humanos historicamente utilizaram a ajuda mútua ao se organizarem sem autoridade centralizada (p. *xiv-xv (introdução)*). A ajuda mútua é um princípio evolucionário que sustenta que as espécies mais bem-sucedidas são cooperativas; quando indivíduos na mesma espécie colocam as necessidades coletivas acima de si mesmos, o coletivo prospera, porque há menos competição por recursos. Portanto, a cooperação é mais eficiente para a sobrevivência (Goodwin; 2010; p111-114). Espécies bem-sucedidas, portanto, geralmente formam sociedades cooperativas, essas sociedades são ontologias sociais distintas, não redutíveis à soma dos interesses dos indivíduos (Goodwin; 2010; p115-116).

Essa irredutibilidade ocorre porque as sociedades seguem a teoria da complexidade, formando o que chamarei de “sistemas complexos”. Sistemas complexos são fenômenos holísticos, o que significa que são observáveis como totalidades funcionais e, portanto, podem não ser explicáveis por meio de métodos científicos reducionistas/mecânicos (Goodwin; 2010; p108-109). Isso ocorre porque o comportamento cooperativo do indivíduo não é baseado em interesse próprio esclarecido; seus interesses são direcionados ao próprio coletivo (Goodwin; 2010; 114), o que significa que as sociedades de ajuda mútua têm uma identidade coletiva independente.

Essas sociedades encontram seu mais alto nível de tamanho e complexidade entre os humanos. Sociedades de ajuda mútua variam do nível caçador-coletor às cidades de guildas medievais (Kropotkin; 1902; p. *xv (introdução)*), demonstrando que a ajuda mútua pode ser praticada mesmo em uma grande escala complexa.

Essas sociedades eram em grande parte ou inteiramente autogovernadas (Kropotkin; 1902; p132), com decisões tomadas com base em diferentes formas de consenso coletivo. Essas poderiam ser instituições democráticas diretas, como o folkmote (Kropotkin; 1902; p126), onde a sociedade se reuniria e deliberaria sobre questões coletivamente. As sociedades também nomeariam juízes e árbitros que tomavam deliberações, mas não tinham poder de execução além da autoridade moral da comuna (Kropotkin; 1902; p130-132), exigindo, portanto, uma compreensão coletiva da moralidade. Como as decisões eram tomadas coletivamente ou necessitavam de consentimento coletivo, essas comunidades estavam totalmente engajadas em sua própria organização, tornando essas sociedades notavelmente livres.

Embora as sociedades de ajuda mútua menos desenvolvidas tecnologicamente fossem livres apenas coletivamente, tendo regras muito rígidas sobre a conduta individual, essas regras eram baseadas em entendimentos gerais do que é benéfico para todos e, em sua maioria, seguidas voluntariamente (Kropotkin; 1902; p112), tornando essas regras frequentemente necessárias e legítimas.

Além disso, à medida que as sociedades de ajuda mútua cresciam, a complexidade e a riqueza que alcançavam proporcionavam muito mais liberdade individual, com as cidades-guilda dando “plena liberdade de expressão ao gênio criativo de cada grupo separado de indivíduos” (Kropotkin; 1902; p186). Portanto, embora alguma falta de liberdade possa ser observada para os indivíduos, isso se devia à necessidade percebida. Quando a liberdade individual era viável para a sociedade, ela era abraçada; tanto a liberdade individual quanto a coletiva são alcançáveis em sociedades de ajuda mútua.

Além disso, essas comunidades geralmente possuíam propriedades coletivamente. De acordo com Kropotkin (1902), os humanos ao longo da história se organizaram amplamente com base em princípios comunistas (p313). Esperava-se que os indivíduos contribuíssem com o que pudessem para toda a sociedade. Em algumas tribos, se alguém obtém comida, espera-se que grite três vezes para oferecer para compartilhar antes de poder comer (p112). Além disso, se os membros tinham certas necessidades, elas eram atendidas sem a expectativa de reciprocidade direta. Em certas aldeias, mulheres grávidas e doentes tinham acesso privilegiado a coisas como carne (p144) por causa de suas necessidades. Atender às necessidades de todos primeiro significa, portanto, que essas sociedades eram muito iguais.

Além disso, como discutido, as sociedades de ajuda mútua também eram estáveis, durando tipicamente centenas de anos antes de serem destruídas pelos estados. Portanto, a ajuda mútua alcançou

altos níveis de igualdade, liberdade e estabilidade, tornando a ajuda mútua um meio bem-sucedido de organizar a sociedade sem um estado.

Portanto, de acordo com Kropotkin, livres e iguais, os humanos são capazes de criar estruturas sociais grandes, complicadas e cooperativas baseadas em associação livre e igualitária independente da coerção estatal. Além disso, o trabalho de biólogos evolucionistas e antropólogos modernos validou a avaliação de Kropotkin (Anarcho; 2008). Por exemplo, Dawkins (2006) afirma que o altruísmo no nível individual pode ser um meio de um gene maximizar seus interesses ( *p.viii(introdução)* ), exatamente o argumento de Kropotkin. Graeber (2004) também demonstrou que existem muitas variedades de sociedades humanas, variando de totalmente autoritárias a agressivamente libertárias (p53-54).

Isso dá validação contemporânea à teoria de Kropotkin de que a sociedade humana tem se apoiado fortemente na cooperação em vez da competição. Embora Graeber também registre sociedades humanas autoritárias, isso não invalida a ajuda mútua; Kropotkin (1902) sustenta que a cooperação é inata nos humanos, mas a autoafirmação dos indivíduos ainda está presente (p294-295). A cooperação é, portanto, muito possível e muito mais bem-sucedida para a sobrevivência do que a hierarquia. A presença de sociedades humanas libertárias atesta a possibilidade da ajuda mútua, enquanto as afirmações dos biólogos evolucionistas modernos sobre a importância evolutiva do altruísmo apoiam o sucesso da ajuda mútua. Portanto, a ajuda mútua pode ser usada como um modelo para uma anarquia praticável bem-sucedida.

### 1.3: Anarco-comunismo

Eu defini anarquismo como o dismantelamento de hierarquias ilegítimas em busca de igualdade e liberdade, e descobri que, quando livres do estado, os humanos, ao se organizarem de forma igual e livre, utilizam princípios de ajuda mútua. Porque, como mencionado, ajuda mútua significou que os humanos governaram amplamente sob princípios comunistas, uma sociedade anarquista estabelecida seria, portanto, anarcocomunista.

O anarcocomunismo defende uma sociedade sem estado onde tudo é propriedade coletiva (Kropotkin; 1913; p34) e os indivíduos se organizam com base em livre acordo. Propriedade coletiva significa que os indivíduos necessariamente trabalham no interesse do coletivo porque os frutos do trabalho individual se tornam propriedade do coletivo. Livre acordo significa que os indivíduos se associam voluntariamente, ausentes da autoridade central ao se organizarem (p172), em vez de por meio de coerção centralizada.

Como a associação não é centralizada, os indivíduos se associam diretamente por meio de organização local descentralizada (Miller; 1976; p193). Essa organização local, sendo baseada em propriedade comum, poderia então ser federalizada (Mashall; 1993; p8) se os associados se esforçassem para uma organização em maior escala.

Como tudo é propriedade coletiva, esse acordo livre não significa liberdade individual total. Como tudo pertence a todos, há limites sobre como alguém pode se comportar em relação às posses da sociedade. Por exemplo, não se pode demolir uma fábrica se o coletivo não consentir, porque o coletivo tem uma reivindicação igual à dita fábrica.

Portanto, o anarcocomunismo enfatiza a liberdade coletiva e o bem-estar sobre a liberdade individual. No entanto, por meio da associação coletiva, a liberdade individual e o desenvolvimento ainda são importantes porque isso cria membros mais responsáveis e sociáveis da sociedade, o que Kropotkin chama de “sociabilidade comunista”. Isso desenvolve a individualidade sociável, que é mais rica e significativa do que a individualidade egoísta mais isolada da sociedade capitalista. (Miller; 1976; p197).

Este anarquismo coletivista se alinha com os princípios de ajuda mútua. Livres de autoridade centralizada, os humanos tendem a se associar coletivamente com base nos princípios comunistas, conforme discutido. Portanto, a propriedade coletiva se adapta às tendências cooperativas e altruístas dos humanos. Uma sociedade anarquista estabelecida precisa de estruturas praticáveis, porque o anarcocomunismo é compatível com o princípio de ajuda mútua altamente praticável, o anarcocomunismo se torna uma forma adequada de anarquismo devido a essa praticidade.

Além disso, a ajuda mútua como base prática para um anarquismo estabelecido significa que o anarcocomunismo fornece liberdade e igualdade ao dismantelar hierarquias. O anarcocomunismo des-

mantela a hierarquia de estados centralizados, mas também as hierarquias criadas pelo capitalismo e pela propriedade privada, que na prática criaram uma desigualdade massiva (Hodgson; 2016) e o que Chomsky (2000) descreve como tiranias privadas, na forma de empresas capitalistas privadas. Portanto, o anarcocomunismo consegue dismantelar hierarquias ilegítimas importantes.

No entanto, os princípios coletivistas de ajuda mútua colocam o coletivo acima do indivíduo, isso é uma hierarquia. No entanto, o coletivo, como discutimos, também é uma ontologia social importante; o indivíduo sendo mais importante que o coletivo também seria uma hierarquia. Portanto, qual hierarquia é mais legítima?

Marshall (1993) afirma que um princípio anarquista central é rejeitar todas as formas de governo externo (p. *xiii* (introdução)). Portanto, se ao se organizarem livres do poder centralizado, os humanos se coletivizam, com base nos princípios anarquistas essa hierarquia deve ser justificada. Alcançar estruturas individualistas exigiria coerção externa porque sem ela os humanos se coletivizam; se os anarquistas acreditam na capacidade dos humanos de se auto-organizarem, eles devem acreditar no coletivismo.

Portanto, o anarcocomunismo é uma forma praticável e justificável de anarquismo, justificando assim o anarcocomunismo como modelo para uma sociedade anarquista estabelecida.

## Capítulo 2: Problema de defesa

Embora as sociedades anarquistas tenham historicamente alcançado estabilidade interna, porque as sociedades anarquistas são geralmente destruídas pela conquista do estado, o anarquismo parece vulnerável à agressão do estado. Além disso, porque os teóricos anarquistas não abordaram essa questão suficientemente, a vulnerabilidade do anarquismo à conquista continua sendo um grande obstáculo à viabilidade do anarquismo. Se os anarquistas não podem se defender, porque as sociedades anarquistas frequentemente enfrentam agressões militares, a capacidade de sobrevivência do anarquismo seria altamente duvidosa.

O anarquismo é frequentemente considerado uma filosofia revolucionária, especialmente dadas as demandas radicais intrínsecas ao estabelecimento da sociedade anarquista, o que significaria que os poderes do estado e do capital não o permitiriam (Berkman; 1942; p44-45). No entanto, a crítica central do marxismo ao anarquismo como uma forma de revolução é que, como o anarquismo rejeita o estado, ele não pode sobreviver porque o estado é necessário para se proteger contra a contrarrevolução (Engels; 1974/[1873]; p105). Atendendo ao seu aviso, em 1917, Lenin tomou o estado e estabeleceu o controle central por meio do estado (Zurbrugg; 2014; p31-32) para garantir o controle central da revolução. A URSS sobreviveu até 1991 (Aron; 2011), muito mais tempo do que os anarquistas ucranianos dentro da URSS (Marshall; 1992; p475); os anarquistas resistiram por um tempo, mas logo foram esmagados pelo poder do estado.

Além disso, as nações comunistas que sobreviveram, Cuba, China, Vietnã, Laos e Coreia do Norte (Porzuki; 2010), são todos estados autoritários sob governo de partido único (Cote; 2013, Guardian; 2016). O próprio Lenin (1999/[1920]) atribuiu o sucesso de sua revolução à "disciplina de ferro" imposta por seu partido (p30). Dado o sucesso relativo do autoritarismo em comparação ao anarquismo em relação à sobrevivência, se uma revolução comunista é desejável, parece que essa "disciplina de ferro" é necessária para proteger a revolução contra agressões violentas. Chamarei a tática de impor um estado autoritário centralizado para proteger a revolução de comunismo autoritário.

No entanto, embora os estados autoritários-comunistas tenham conseguido sobreviver à agressão, menos pode ser dito além deste ponto. Embora as sociedades autoritário-comunistas tenham conseguido fazer grandes avanços na industrialização, como na URSS (Milne; 2006), e Cuba tenha atendido às necessidades básicas de sua população (Philips; 2012), apesar do embargo dos EUA (Perez; 1997; p250-251), o socialismo exige que 'os meios de produção' (MOP) sejam entregues aos trabalhadores (Chomsky; 1986).

Esses estados mantiveram o MOP sob propriedade estatal, como aconteceu com Cuba e a URSS (Chomsky; 1986, Rosen; 1969) ou se tornaram capitalistas, como aconteceu com o Laos e a China (Fuller; 2009, Holmes; 2015). Portanto, é difícil descrever qualquer uma dessas sociedades como socialista, muito menos comunista. O próprio Lenin revogou todo o controle dos trabalhadores quando destituiu os soviets (Chomsky; 1986), colocando-os sob controle centralizado (Zurbrugg; 2014; p31-32). Lenin até admitiu que sua política industrial era uma forma de capitalismo de estado (Zurbrugg; 2014; p17). Portanto, apesar de alcançar a sobrevivência, essas sociedades ficaram muito aquém de serem métodos viáveis de alcançar o comunismo.

Por outro lado, na Espanha anarquista, os próprios trabalhadores tomaram os meios de produção, embora geralmente os trabalhadores mais privilegiados, como técnicos, empregados de escritório e ativistas sindicais, muitas vezes mantivessem mais poder (Casanova; 2004; 141), alcançando a coletivização voluntária da indústria e da agricultura (Marshall; 1993; 463), muitas vezes abolindo o dinheiro completamente (Bolloten; 1991; p66), demonstrando que uma sociedade comunista moderna pode ser alcançada por meio do anarquismo.

Os revolucionários são, portanto, deixados em um dilema: eles defendem uma sociedade que alcança ideais de igualdade e liberdade, mas provavelmente está fadada a ser destruída quando invadida? Ou se

comprometem quando necessário e abraçam estruturas sociais que provavelmente garantirão a sobrevivência, mas falharam consistentemente em atingir os objetivos ideológicos da revolução?

Este problema pode ser mitigado se as sociedades anarquistas puderem efetivamente se defender. Dado que mostramos que o anarquismo pode criar relações sociais comunistas, demonstrar que a sociedade anarquista pode sobreviver à agressão contrarrevolucionária, forneceria então uma teoria social que é defensável e pode atingir seus ideais.

Entretanto, se o anarquismo não puder resistir a essas críticas, o anarquismo nos tempos modernos seria altamente desacreditado, pois seria inatingível.

Portanto, justificar a capacidade defensiva de uma sociedade anarquista é essencial para a continuação do anarquismo como uma forma significativa de teoria social revolucionária. No entanto, se o anarquismo puder ser demonstrado como defensável, ele fornecerá uma refutação vital contra uma das críticas mais negligenciadas e possivelmente mais poderosas do anarquismo, tornando o enfrentamento desse problema um componente vital na defesa do anarquismo como uma teoria revolucionária viável.

Como o comunismo autoritário é uma estratégia que provou ser relativamente bem-sucedida em se defender contra agressões, o anarquismo seria, portanto, defensivamente viável se pudesse provar mais, ou tão defensável quanto o comunismo autoritário. Portanto, para demonstrar a defensibilidade do anarquismo, analisarei se as estruturas anarquistas podem ser pelo menos tão defensáveis quanto as estruturas autoritário-comunistas.

# Capítulo 3: Instituições anarquistas

## 3.1: Coordenação sob o anarquismo

Para determinar quais estratégias estão disponíveis para o anarquismo, suas formas institucionais devem ser elucidadas, isso determinará como o anarquismo se organiza e, portanto, o que é possível sob estruturas anarquistas. Começarei delineando a organização econômica do anarquismo e aplicarei esse modelo às forças de defesa.

A estrutura econômica de uma sociedade anarcocomunista estabelecida seria baseada na propriedade comum de MOP, ou seja, terra, recursos naturais, fábricas etc., e organizada politicamente, com base em associação voluntária governada por princípios de ajuda mútua. Propriedade coletiva significa que a indústria seria organizada coletivamente e princípios de livre acordo significam que essas indústrias seriam administradas de forma democrática direta. Para facilitar a democracia direta, esses coletivos são descentralizados com a produção sendo baseada localmente.

Embora a associação seja localizada, uma organização anarcocomunista em larga escala seria possível por meio da federalização, o que pode ser alcançado por meio de comitês de trabalhadores. Diferentes comunidades nomeiam seus próprios delegados para criar comitês consultivos a fim de coordenar organizações em larga escala (Berkman; 1942; p72-73).

Esses comitês não têm poder além daqueles concedidos pelas comunidades locais; os comitês aconselham sobre coordenação e colaboração, mas não têm poder de execução. Os comitês poderiam então colaborar com outros comitês da mesma natureza criando seus próprios comitês maiores (Murphy; 2006/[1917]). Esses comitês poderiam então ser formados em uma escala tão grande quanto desejável, significando sem limites superiores para cooperação. No entanto, esses comitês, não importa quão grandes, ainda não têm autoridade independente; eles ainda operam apenas com base no consentimento de baixo. Portanto, a organização em larga escala pode ser alcançada sem a necessidade de autoridade centralizada, tornando essas estruturas compatíveis com o anarcocomunismo.

Por outro lado, estruturas militares têm sido historicamente estruturas de comando hierárquicas onde o poder é concentrado no topo com disciplina e obediência rigorosas exigidas daqueles abaixo. Essas estruturas são diametralmente opostas à natureza descentralizada e democrática do anarquismo, abraçar elementos de estruturas de comando tem sido, portanto, problemático para anarquistas.

Por exemplo, embora tenha havido alguma democratização das forças anarquistas na Catalunha (Marshall; 1993; p461) e na Ucrânia (p474), na Ucrânia, como o exército não era diretamente responsável perante a população, ele frequentemente se comportava ditatorialmente, como um bando de chefes guerreiros (p474). Isso teria antagonizado a sociedade que deveria proteger, pois eles haviam estabelecido aspectos de autogoverno comunitário (p473-474). Na Catalunha, depois que os líderes anarquistas permitiram que as milícias anarquistas fossem colocadas sob o controle central do governo, os anarquistas ficaram muito desmoralizados (p465), o que teria prejudicado o esforço de guerra, dada a importância do moral. Também marcou o fim da revolução, fazendo com que a revolução sobrevivesse por menos de um ano (465–466).

A natureza centralizada dos militares claramente prejudica a eficácia do combate e a capacidade geral de defender uma sociedade quando adotada por anarquistas e, portanto, deve ser evitada. Além disso, as forças anarquistas devem ser responsáveis perante suas comunidades, evitando assim que as milícias se tornem antagônicas à sociedade como um todo, enquanto mantêm o poder nas mãos da comunidade. Estruturas mais compatíveis com os princípios anarquistas devem, portanto, ser estabelecidas.

## 3.2: Milícia de Ajuda Mútua

O método de organização descentralizada em larga escala na indústria discutido anteriormente pode ser aplicado às forças de defesa. Chamarei essas forças descentralizadas de Milícia de Ajuda Mútua (MAM). Engel (1974/[1873]) afirmou que o anarquismo era impossível porque uma organização complexa requer coordenação, que por sua vez requer autoridade (p102-104). Essa lógica se aplica às forças de combate porque, para lutar como um todo, os combatentes precisam coordenar estritamente a ação, o que implica a necessidade de uma estrutura de comando. No entanto, as afirmações de Engels são baseadas na deturpação do anarquismo. O anarquismo rejeita a autoridade política, mas não a autoridade da especialização. Bakunin (1999/[1871]) diferencia a autoridade política que é imposta por um agente externo e a autoridade de “especialistas”, cuja especialização é seguida por escolha e razão. Os comandantes podem coordenar forças, mas esse papel não é não anarquista, a menos que sejam impostos coercivamente.

Se os comandantes recebem capacidades de tomada de decisão por meio de nomeação pelo coletivo, os próprios combatentes reconhecem a necessidade da expertise e coordenação que os comandantes fornecem. Portanto, o papel é justificável sob o Anarquismo. Portanto, muito parecido com o que ocorreu na Catalunha, os combatentes da milícia nomeariam seus próprios comandantes (Marshall; 1993; p461).

A nomeação direta de comandantes será implementada sempre que possível, com unidades menores se combinando para nomear oficiais de patente mais alta. No entanto, o fato de que a organização descentralizada em larga escala sob o anarquismo aparentemente requer a nomeação de comitês em um certo nível, destaca que a democracia direta não é praticável uma vez que a coordenação se torna grande o suficiente. Portanto, as estruturas de milícias precisam criar suas próprias estruturas de comitês para coordenação em larga escala.

Portanto, uma vez que essas unidades democráticas diretas exigem coordenação em larga escala, cada unidade pode eleger um delegado(s) para representá-las, os delegados formariam um comitê estratégico, este comitê aconselharia sobre estratégias em larga escala. Os delegados também poderiam nomear seu próprio comandante entre si dentro dos comitês quando decisões rápidas precisassem ser tomadas. Quando uma coordenação ainda maior for necessária, os comitês podem coordenar com outros comitês para formar comitês de ordem superior. Assim como os comitês de trabalhadores, os comitês de ordem superior podem se expandir para uma escala tão grande quanto necessário, permitindo a coordenação em uma escala tão grande quanto necessário.

Comitês, até mesmo seus comandantes, sendo nomeados para aconselhar sobre coordenação, não têm os mesmos poderes que os comandantes de unidade, pois não são tão diretamente responsáveis, dados os limites da democracia direta. Portanto, os comandantes de unidade mantêm autonomia sobre se devem ou não atender ao conselho do comitê, maximizando assim o poder das tropas no solo ao delegar autonomia aos agentes mais responsáveis.

Segue-se, no entanto, de seu papel como coordenadores de larga escala, que os comitês ocupam uma posição onde podem compreender eventos em larga escala. Portanto, eles estão em uma posição melhor para determinar se devem aumentar a coordenação. Portanto, os comitês têm a liberdade de formar comitês maiores, dado que estão na melhor posição para fazer um julgamento sólido sobre isso. No entanto, essa capacidade não se traduz em uma centralização de poder; os comitês não têm poder de comando final, como discutido, os comandantes de unidade diretamente nomeados retêm esse papel e mantêm o poder de ignorar esses comitês, permitindo, portanto, uma coordenação efetiva em larga escala sem criar centralizações de poder.

Como delineei estruturas onde a coordenação em larga escala é permitida, mantendo o poder de baixo para cima, delineei estruturas de combate que aderem aos princípios anarquistas, ao mesmo tempo em que permitem a escala de coordenação necessária para uma defesa eficaz, evitando o problema de forçar os combatentes sob controle central, como foi encontrado na Catalunha.

No entanto, essas milícias também devem ser responsáveis perante a comunidade para evitar que repitam o comportamento de chefe como na Ucrânia. Felizmente, porque sob o anarcocomunismo tudo é propriedade coletiva, os meios que a milícia tem de lutar estão nas mãos da população em geral. Os combatentes precisam de armas, balas e veículos etc. para lutar. Segue-se que a sociedade que possui essas coisas deve permitir o uso desses recursos para que as forças lutem. Portanto, segue-se que para

lutar, essas milícias devem obter o consentimento de suas comunidades locais. Se a milícia se comportar mal, seu poder de lutar pode ser revogado, mitigando os problemas encontrados na Ucrânia.

### **3.3: O que constitui sobrevivência?**

Agora que as estruturas de defesa das sociedades anarquistas estão delineadas, determinarei o que a defesa bem-sucedida da sociedade implica. Esta pesquisa examina a capacidade de uma sociedade anarquista de sobreviver à agressão externa, isso pressupõe cenários em que a sociedade está sendo invadida por forças externas que ameaçam destruí-la. Como historicamente, as sociedades anarquistas foram destruídas por estados que impuseram soberania, assumirei que o agressor é um estado que impõe o governo do estado sobre a sociedade anarquista.

O anarquismo foi definido como uma estrutura social sem estado que desmantela a hierarquia ilegítima em busca de liberdade e igualdade. Portanto, para sobreviver à agressão, uma sociedade anarquista deve manter sua independência do controle estatal externo (conquista). Ela também deve resistir ao desenvolvimento de estruturas autoritárias internamente; mesmo que os anarquistas repelam o estado agressor, se os anarquistas devem desenvolver relações sociais autoritárias para atingir isso, dissolvendo assim as instituições libertárias discutidas, a sociedade deixou de ser anarquista, o que significa que a sociedade anarquista ainda não sobreviveu.

Portanto, uma sociedade anarquista só sobrevive à agressão quando tem:

- 1.

Repeliu a invasão,

- 1.

Preservou suas estruturas sociais.

# Capítulo 4: Como avaliar a defesa anarquista

## 4.1: Isolando o anarquismo

Agora que os critérios de sobrevivência do anarquismo estão estabelecidos, devo determinar como avaliar a capacidade do anarquismo de atender a esses critérios. Estabeleci anteriormente que as sociedades anarquistas se mostrariam defensáveis se fossem capazes de ser igualmente defensáveis quanto o comunismo autoritário. Também estou discutindo o anarquismo em um sentido teórico generalizado. Portanto, examinar o impacto do anarquismo e do comunismo autoritário na estratégia de defesa significa examinar ambas as estruturas isoladamente, abstraindo-as de outros fatores determinantes que podem impactar o desempenho estratégico.

Isso é necessário porque, como Howard destaca, o sucesso militar é determinado por muitos fatores, incluindo logística, operacional, tecnológica etc., que são separados dos fatores sociais (Baylis & Wirtz; 2002; p5); qualquer um desses fatores poderia ter causado a derrota de sociedades anarquistas anteriores. Para determinar se foi o próprio anarquismo que condenou essas sociedades, o impacto da estrutura social na defesa deve ser examinado separadamente desses outros fatores potenciais. Examinar como cada uma dessas estruturas sociais em si contribui para a estratégia defensiva permitirá, portanto, que eu determine quais estruturas sociais facilitam uma melhor estratégia e, portanto, qual detém a maior vantagem defensiva.

Comparar anarquismo e autoritarismo-comunismo em todos os contextos possíveis é impossível, para ter um relato abrangente de como essas estruturas sociais se comparam, devo estabelecer de uma maneira teórica ampla, os fatores fundamentais que determinam o sucesso estratégico em todo e qualquer conflito. Examinar como tanto o anarquismo quanto o autoritarismo-comunismo contribuem para esses fatores fundamentais me permitirá determinar em um sentido amplo e generalizado, qual estrutura social melhor garante o sucesso defensivo.

## 4.2: Dimensões centrais da estratégia

Gray (1999) descreve 17 dimensões centrais para o sucesso estratégico em todo e qualquer conflito militar (p17). Ele então as divide em três categorias, pessoas e política, preparação para a guerra e guerra propriamente dita (p24). Considerando a alegação abrangente de que essas dimensões abrangem todos os conflitos, a teoria de Gray de que há dimensões estratégicas centrais para todos os conflitos poderia ser questionada, no entanto, devido a restrições, não poderei apoiar sua teoria diretamente.

No entanto, usar um modelo teórico que afirma as dimensões centrais da estratégia permite os critérios amplos e generalizados necessários para abordar suficientemente as questões de pesquisa. Portanto, assumirei a veracidade da teoria de Gray das dimensões estratégicas centrais. Outros teóricos notáveis sobre estratégia incluíram Sun Tzu e Clausewitz (Stevens & Baker; 2006; p27-29), o que significa que há várias estruturas para escolher. No entanto, escolhi a teoria de Gray porque ele vem de um contexto contemporâneo, permitindo que suas teorias sejam melhor aplicadas a um contexto moderno. Além disso, suas 17 dimensões são muito abrangentes, ao mesmo tempo em que são administráveis dentro das restrições da pesquisa.

Essas 17 dimensões são as seguintes (Gray; 1999; p24):

1.

**Pessoas e Política ; Pessoas, Sociedade, Cultura, Política, Ética.**

1.

**Preparação para a Guerra ; Economia e Logística, Organização, Administração, Informação e Inteligência, Teoria e Doutrina Estratégica, Tecnologia.**

1.

**Guerra propriamente dita ; Operações militares, Comando, Geografia, Atrito, Acaso e Incerteza, Adversário, Tempo.**

Para determinar qual estrutura social é superior em relação a cada dimensão, primeiro descreverei brevemente a natureza da dimensão e então interpretarei a partir dessa descrição, os requisitos gerais necessários dessas estruturas para melhor garantir o sucesso estratégico em um contexto defensivo. Então, examinarei como cada estrutura responde a essa necessidade. Qualquer estrutura que melhor contribua para a eficácia em uma dada dimensão, desfruta de uma vantagem defensiva estratégica em relação a essa dimensão.

Conforme discutido, o anarquismo tem dois critérios de sobrevivência, 1) independência de estados externos, 2) manutenção de estruturas anarquistas internamente. Como o comunismo autoritário requer o estabelecimento de um estado centralizado soberano, ele compartilha o primeiro critério, mas não o segundo, para preservar sua estrutura, ele deve, em vez disso, manter o governo do estado sobre a sociedade. Ambas as estruturas sociais, portanto, têm imperativos diferentes ao garantir sua própria sobrevivência.

Portanto, abordarei a capacidade de cada sociedade de garantir sua estrutura interna (critério 2) e como isso impacta a defensibilidade, ao examinar **a política**, pois essa dimensão é bem adequada a essa questão. Caso contrário, a capacidade de cada estrutura social de reter sua estrutura interna será assumida porque se uma sociedade anarquista é de fato capaz de, por exemplo, **organização** eficaz voltada para repelir invasões, será porque a organização é feita por meio de estruturas anarquistas, o que pressupõe a sobrevivência das estruturas e o mesmo ocorre para o comunismo autoritário.

Além disso, se ao defender uma sociedade, estruturas anarquistas são mais eficazes em repelir invasões, não há razão para assumir que estruturas autoritárias surgirão em resposta à agressão porque isso só prejudicará o esforço de guerra se a sociedade optar por estruturas sociais menos vantajosas. Portanto, o sucesso no critério 1) implica sucesso no critério 2). Portanto, as outras dimensões focarão apenas na eficácia no critério 1).

Portanto, as outras dimensões focarão apenas na capacidade de cada estrutura de repelir efetivamente um agressor. Portanto, o que é necessário para atuar efetivamente nessas dimensões continua muito simples, porque tudo o que é necessário é a capacidade de garantir uma forte resposta defensiva por meio das estruturas sociais já existentes.

Por exemplo, no que diz respeito **às pessoas**, cada estrutura deve garantir uma população saudável (Gray; 1999; p26-27) para garantir uma defesa forte, sendo que qualquer estrutura que seja mais adequada para atender a essa necessidade tem a vantagem.

Quais fatores determinam o sucesso são contextuais, em um conflito a geografia pode ser o fator determinante, em outro, pode ser a organização; para o anarquismo ser uma estrutura social estrategicamente vantajosa em um sentido geral, ele deve pelo menos corresponder ao comunismo autoritário em *todas* as dimensões. Se o anarquismo tem vantagens em relação a algumas dimensões, mas desvantagens em outras quando comparado ao comunismo autoritário, ele é apenas uma estrutura social viável em certos contextos, tornando conclusões generalizadas impossíveis. Portanto, para o anarquismo ser considerado geralmente viável ou mesmo superior ao comunismo autoritário em relação à defesa, o anarquismo precisa ser vantajoso ou pelo menos corresponder ao comunismo autoritário em todas as 17 dimensões.

Portanto, se estruturas anarquistas geram vantagens ou combinações em todas as categorias, porque essas dimensões cobrem todos os conflitos, posso concluir que estruturas anarquistas são, em geral, mais vantajosas defensivamente do que estruturas autoritário-comunistas, enquanto combinar consistentemente autoritário-comunismo significaria que o anarquismo era simplesmente tão defensável. Porque o nível de defensibilidade do autoritário-comunismo atua como um parâmetro para defesa adequada, se o anarquismo atingir os resultados discutidos, ele se mostrará geralmente defensável.

### 4.3: O que determinará a vantagem estratégica?

Conforme discutido, a defensibilidade do anarquismo é um tópico amplamente negligenciado; evidências de confirmação serão, portanto, escassas. Devo, portanto, utilizar quaisquer ferramentas analíticas disponíveis. Isso pode incluir evidências históricas, raciocínio teórico, estudos sociais relevantes; finalmente, usar qualquer ferramenta disponível para chegar a descobertas conclusivas.

Por exemplo, se existem estruturas que são compatíveis com uma das estruturas sociais e fornecem informações importantes relevantes para uma das dimensões, isso informará a pesquisa. Por exemplo, a indústria de propriedade dos trabalhadores é compatível com a organização anarquista porque elas compartilham as características da propriedade coletiva do MOP (Herbst; 2012), essas estruturas poderiam ser usadas se informassem vantagem estratégica para o anarquismo em qualquer dimensão relevante.

Essa abordagem acomodatória significa que resultados objetivamente quantificáveis estarão amplamente indisponíveis, segue-se que um grau de interpretação deve ser utilizado. No entanto, esse método dará então o relato mais abrangente possível, dada a escassez de evidências existentes, permitindo-me concluir a pesquisa muito mais completamente, compensando, portanto, a indisponibilidade de certeza quantificável.

## **Parte 2: Capacidades — Análise**

# Capítulo 5: Pessoas e política

## 5.1: Pessoas

Uma população saudável é necessária para garantir que eles sustentem o esforço de guerra, isso não significa apenas ter pessoas suficientes, mas também garantir que as pessoas estejam saudáveis (Gray; 1999; p26-27). Portanto, para uma defesa eficaz, as estruturas sociais devem ser capazes de garantir o bem-estar da população.

O anarquismo seria organizado em torno de princípios de ajuda mútua. Conforme discutido, a ajuda mútua tem sido a estratégia usada pelas espécies mais numerosas e bem-sucedidas para garantir sua sobrevivência. Kropotkin observou como a cooperação por meio da ajuda mútua garantiu a sobrevivência de muitas espécies por meio de sérias dificuldades. Nas sociedades humanas de ajuda mútua mais avançadas, como as cidades guildas, a escassez foi tratada de forma eficaz, o que significa que a fome era inédita (Kropotkin; 1902; p182). Portanto, a ajuda mútua por design garante o sustento de uma população tão saudável quanto possível. Como o anarquismo usaria a ajuda mútua como sua fundação social, o anarquismo seria adepto de manter uma população saudável.

Por outro lado, embora o comunismo autoritário tenha frequentemente alcançado historicamente alto desenvolvimento humano, por exemplo, apesar do isolamento de Cuba, ela desfruta de um índice de desenvolvimento humano muito alto (Farber; 2015), as populações têm sido frequentemente negligenciadas para o desenvolvimento que beneficia os interesses da autoridade centralizada. Na URSS em 1932-33, como resultado da coletivização e industrialização forçadas de Stalin, milhões de camponeses morreram de fome (Goodman; 1986). Isso demonstra que, embora ambas as estruturas sejam projetadas para garantir o bem-estar coletivo, o comunismo autoritário tem uma tendência a negligenciar essa questão quando os interesses do estado entram em conflito com o bem-estar da população, enquanto o anarquismo não exhibe tal deficiência, dando vantagem ao anarquismo.

## 5.2: Sociedade

A guerra é realizada por meio de instituições sociais (Gray; 1999; p27-28), essas instituições sociais compreendem a sociedade e devem apoiar a defesa da sociedade para repelir uma invasão. O anarquismo, como discutido, tem inúmeras instituições autônomas e interconectadas, avaliar como cada uma e os indivíduos livres dentro delas reagiriam à agressão é impossível, dadas as restrições da pesquisa.

No entanto, como discutido, embora o anarquismo funcione por meio da livre associação, sua dependência de ajuda mútua torna o anarquismo um sistema complexo; as conexões dentro da sociedade formam um todo coerente que pode ser observado como uma totalidade. Podemos, portanto, observar como as sociedades anarquistas como um todo responderiam à agressão sem precisar explicar a soma de suas partes.

Sociedades de ajuda mútua/não-estatais respondem à agressão com resistência em muitos contextos diferentes. Tribos na Europa formaram confederações para defesa mútua (Kropotkin; 1902; p112), cidades-guilda contrataram milícias para autodefesa (p180-181). Podemos, portanto, assumir que uma sociedade anarquista como um todo resistiria à agressão.

Além disso, a resistência de sociedades não estatais descentralizadas tem sido frequentemente muito difícil de esmagar. Os astecas, sendo uma sociedade autoritária centralizada, foram esmagados muito rapidamente pelos espanhóis; sua capacidade de lutar foi destruída após a captura de seu líder. Como suas instituições dependiam de um conjunto muito pequeno de líderes, a sociedade era vulnerável quando os líderes eram eliminados, tornando, portanto, a resistência por meio de liderança centralizada uma responsabilidade.

Por outro lado, os Mapuche se organizaram de forma descentralizada, autogovernada e sem tais líderes responsáveis, foram capazes de continuar lutando por 300 anos. Sua descentralização foi um grande benefício porque a sociedade como um todo pôde apoiar a resistência; toda a sociedade (sistema complexo), teve que ser esmagada em oposição a alguns poucos líderes selecionados. Como as estruturas anarquistas dependem desses sistemas complexos descentralizados, a capacidade de suas instituições de sustentar a resistência é muito maior.

Em comparação, o comunismo autoritário é definido pela centralização do poder, o que tornaria o comunismo autoritário vulnerável à eliminação de seus líderes. Além disso, centralizar o poder sob controle estatal historicamente significou eliminar instituições autogovernadas de propriedade da comunidade, como quando Lenin destituiu os soviets controlados pelos trabalhadores. Isso então elimina as mesmas relações descentralizadas autogovernadas que os Mapuche utilizaram para sustentar uma resistência tão prolongada. Isso significa que o autoritarismo requer a construção de instituições sociais altamente vulneráveis e a eliminação de instituições capazes de fortalecer a sociedade.

Portanto, o anarquismo, sendo baseado na descentralização, cria instituições capazes de resistência menos vulnerável e sustentada, enquanto o comunismo autoritário significa a eliminação dessas vantagens na busca pelo poder. Portanto, as estruturas sociais anarquistas têm uma forte vantagem ao criar instituições que apoiam a defesa.

### 5.3: Cultura

Todo comportamento estratégico está entrincheirado em um contexto cultural, sendo a cultura os valores e atitudes que informam a estratégia (Gray; 1999; p28-29). A cultura, portanto, influencia o comportamento estratégico; essa influência cria uma cultura estratégica (p129). A cultura estratégica, portanto, enquadra como uma sociedade interpreta a estratégia. Portanto, para uma defesa eficaz, a cultura estratégica de uma sociedade deve ser capaz de influenciar boas decisões estratégicas.

O autoritarismo-comunismo foi amplamente moldado pelo marxismo-leninismo e, portanto, teve um enorme impacto na cultura e no comportamento estratégico da União Soviética (Gray; 1999; p143). A compreensão rígida da história pelo marxismo-leninismo levou o Comintern a inicialmente ver o fascismo como simplesmente um estágio do capitalismo. O Comintern usou isso como um meio de atacar os social-democratas, ao mesmo tempo em que presumia que o fascismo entraria em colapso por si só por meio de suas próprias contradições. Isso significava que a URSS falhou em articular uma linha de massa contra o capitalismo ao alienar potenciais aliados (Kitchen; 1976; p1-11). Isso contribuiu para o fracasso da URSS em se preparar adequadamente para a agressão fascista, apoiando a alegação de Gray (1992) de que a cultura estratégica da Rússia quase causou o colapso da URSS em 1941-42 (p147). Isso demonstra como a rigidez ideológica produzida pela cultura autoritário-comunista pode levar a sérias desvantagens estratégicas.

Em contraste, algumas culturas anarquistas exibem notável flexibilidade estratégica entrincheirada na prática cultural. Certas culturas do sudeste asiático de terras altas utilizaram práticas que foram projetadas para resistir ao poder do estado (Scott; 2009), desde a agricultura itinerante (swiddening) na agricultura, que ajuda as pessoas a fugir do controle do estado porque a agricultura sedentária ajudou a colocar as populações sob controle do estado (p77-78), até mitologias alertando sobre os perigos do poder centralizado (p176-177), para manter as diferenças linguísticas de uma sociedade de um estado próximo ou evento adotando diferenças linguísticas para manter distância dos estados (p173-174). Essas práticas demonstram como sociedades sem estado podem inventar estratégias engenhosas de evasão do estado diretamente por meio de uma cultura antiestado, demonstrando notável adaptação estratégica por meio da própria cultura em oposição à perigosa rigidez que governa a cultura autoritário-comunista. Portanto, o anarquismo pode criar uma cultura estratégica mais vantajosa do que sob o comunismo autoritário.

## 5.4: Política

A guerra é uma ferramenta política, o que significa que é usada para atingir políticas (Gray; 1999; p29-30, p55); uma guerra é mais difícil de vencer quando travada em busca de políticas difíceis. Portanto, para ser estrategicamente eficaz, os objetivos políticos de defesa de uma sociedade devem ser tão realizáveis quanto possível.

Ambas as estruturas sociais compartilham o primeiro objetivo político de repelir a invasão. No entanto, o comunismo autoritário também deve impor sua própria soberania. O comunismo autoritário é um movimento revolucionário e, portanto, libertador; ele deve atingir certas libertações, como atingir alguma igualdade econômica e de gênero (Zurbrugg; 2014; p21, p26), enquanto também suprime a população sob o governo autoritário.

Isso é difícil de equilibrar porque as revoluções, como Chomsky (2012/[1989]) afirma, são geralmente espontâneas e libertárias, dificultando a mobilização por meio de "disciplina de ferro" porque a população provavelmente está imbuída de um espírito bibliotecário. Lenin enfrentou duas rebeliões buscando mais liberdades, os anarquistas ucranianos, como discutido anteriormente, mas também a rebelião de Kronstadt, marinheiros integrais à revolução que se amotinaram em demanda por democracia (Marshall; 1993; p476-477). Isso demonstra como os movimentos autoritários revolucionários criam contradições, fomentando simultaneamente o sentimento bibliotecário que é então suprimido. Isso, como visto, provoca rebelião, fomentando, portanto, a desunião interna. Essa desunião força o estado a perder a coesão e gastar energia esmagando rebeliões, o que torna a defesa da sociedade de potenciais ameaças externas mais difícil, porque o estado tem menos energia e recursos comprometidos com a defesa externa, prejudicando assim a capacidade defensiva do estado.

Sociedades anarquistas como a Catalunha também viram movimentos políticos internos prejudicarem a sociedade, como discutido, a colaboração dos líderes da CNT com o estado virtualmente destruiu a revolução. No entanto, isso se deveu aos líderes da CNT colaborarem com o poder do estado e, portanto, não serem consistentemente anarquistas. A provocação e, em seguida, a supressão de rebeliões pelo estado soviético foram inteiramente consistentes com os papéis contraditórios do comunismo autoritário de libertador e supressor, tornando a luta interna muito mais intrínseca ao comunismo autoritário do que ao anarquismo.

Sociedades anarquistas, por outro lado, devem resistir à formação de estados internos, com os quais muitas sociedades anarquistas lidam efetivamente. Estudos antropológicos mostram que em sociedades não estatais, comportamentos de busca de poder onde os membros tentam estabelecer poder sobre a sociedade existem, mas que as sociedades são capazes de responder a isso de forma rápida e eficaz. Um relato documenta como um membro tribal pigmeu tentando obter acesso privilegiado a recursos e status de chefe é interrompido e a sociedade decide democraticamente puni-lo. Esse comportamento não só é tratado de forma rápida e eficaz, como também é raro para essa sociedade (Johnson; 2015).

O fato de que essas sociedades raramente enfrentam essas ameaças internas, mas conseguem lidar com elas de forma tão eficaz quando surgem, mostra por que as sociedades de ajuda mútua duraram séculos e exigiram conquistas estatais externas para destruí-las.

Sociedades anarquistas, portanto, desfrutam de muito mais estabilidade interna do que o comunismo autoritário, tornando o objetivo secundário do anarquismo de reter a estrutura social interna mais atinável do que sob o comunismo autoritário, que sofre contradições internas inerentes não compartilhadas pelo anarquismo. Portanto, em relação a quando os objetivos políticos diferem, os imperativos do anarquismo são menos exigentes e, portanto, mais atingíveis, dando ao anarquismo a vantagem em relação à política.

## 5.5: Ética

Para que uma guerra seja vencida, ajuda se a população for eticamente motivada a apoiá-la (Gray; 1999; p30-31). Portanto, para defender uma sociedade, a população deve ser eticamente motivada a defender as estruturas sociais sob ataque.

Os princípios de ajuda mútua têm sido historicamente a principal forma pela qual os humanos garantiram a sobrevivência do coletivo, sendo essenciais durante crises como secas ou fomes. Kropotkin também observou como as sociedades de ajuda mútua são frequentemente governadas por códigos morais rígidos que visam apoiar a sociedade. Por exemplo, os Aleutas sempre alimentam seus filhos primeiro durante a escassez prolongada e não são inclinados ao roubo (Kropotkin; 1902; p99-100). O sucesso evolutivo da ajuda mútua por meio de forte convicção moral para garantir a sobrevivência da sociedade durante a crise (por exemplo, como as cidades guildas conseguiram evitar a fome durante a escassez), indica que uma sociedade governada por esses princípios seria altamente motivada ao resistir a uma ameaça existencial tão extrema como a invasão. A ajuda mútua seria, portanto, uma força moral ideal para motivar a população a lutar por sua sobrevivência. Essas vantagens, porque o anarquismo seria baseado na ajuda mútua, também beneficiariam os anarquistas.

Alta motivação e convicção ética também foram observadas em anarquistas por Hobsbawm (2007), acreditando que eles demonstravam 'idealismo e heroísmo profundamente comóventes' (p112). Isso também sugere que, ao defender uma sociedade contra um estado, os anarquistas demonstravam notável convicção moral.

Revoluções autoritárias frequentemente tinham um apoio popular muito alto. A guerra do Vietnã só poderia ter sido vencida se os combatentes tivessem o apoio da população (Hobsbawm; 2007; p226-227). Se o apoio fosse perdido, os camponeses poderiam ter informado os EUA sobre as localizações vietnamitas (p226), e eles teriam sido destruídos. No entanto, relações sociais autoritárias indicam implicitamente uma falta de moral necessária.

Ao lutar para garantir o poder bolchevique na guerra civil russa, Trotsky (1920) descreveu os humanos como naturalmente preguiçosos, exigindo coerção para forçar a população a trabalhar. Por outro lado, as sociedades de ajuda mútua não tinham a necessidade de controle centralizado para motivar os indivíduos. Folkmoles, por exemplo, apenas impunham decisões com base em sua autoridade moral (Kropotkin; 1902; p131), não precisando de coerção para motivar seus membros a obedecer suas decisões. Portanto, Trotsky exigindo coerção para motivar a população demonstra uma falta de apoio popular; se a população apoiasse totalmente o esforço de guerra, eles seriam motivados o suficiente para não parecerem tão preguiçosos a ponto de precisarem de coerção. Em última análise, esse contraste destaca as deficiências éticas dos comunismos autoritários.

Se humanos autogovernados não precisam de força centralizada para motivá-los a apoiar uma causa, a necessidade de coerção destaca a falta de apoio que uma causa desfruta. Portanto, se é necessário atingir "disciplina de ferro" antes que uma causa seja alcançada, essa causa não deve desfrutar de tanto apoio ético quanto causas onde a força não é necessária para alcançá-las. Portanto, os apelos para que o autoritarismo alcance a revolução admitem implicitamente que a dita revolução carece de uma certa quantidade de apoio ético no qual as sociedades anarquistas podem confiar prontamente.

Sociedades anarquistas podem, portanto, esperar mais apoio ético do que sociedades autoritário-comunistas, porque o autoritário-comunismo sentindo a necessidade de recorrer à coerção para atingir seus objetivos, implica um déficit ético. O anarquismo, como discutido, exibiu altos níveis de convicção ética, motivando a sociedade a perseguir seus objetivos sem coerção. Portanto, o anarquismo desfruta de uma vantagem ética.

# Capítulo 6: Preparativos para a Guerra

## 6.1: Economia e Logística

Para sustentar uma guerra, a economia deve ser produtiva o suficiente para sustentar materialmente o esforço (Gray; 1999; p31-32), esses materiais devem então chegar ao seu destino necessário. Portanto, as estruturas sociais devem sustentar uma economia produtiva com eficiência logística.

Em relação à economia, alguns estudos mostram que indústrias de propriedade dos trabalhadores são frequentemente mais produtivas do que sob estruturas tradicionais (Chen; 2016, Dolack; 2016, Harvey; 2016, Logue & Yates; 2006). Como o anarquismo alcançou a propriedade dos meios de produção pelos trabalhadores, isso explicaria por que os coletivos voluntários na Espanha anarquista, que alcançaram a propriedade dos trabalhadores, aumentaram a produção tanto na indústria quanto na agricultura (Dolgo; 1974; p6), demonstrando que as estruturas anarquistas são benéficas para a produtividade econômica.

Conforme discutido, o comunismo autoritário historicamente falhou em alcançar a propriedade dos trabalhadores na indústria. Além disso, a propriedade dos trabalhadores foi impedida quando Lenin colocou os conselhos de trabalhadores sob controle estatal centralizado. O fato de que essas estruturas de propriedade dos trabalhadores foram destituídas de poder em busca da centralização indica que não apenas o comunismo autoritário historicamente falhou em alcançar o controle dos trabalhadores, sua necessidade de centralização do poder torna o comunismo autoritário intrinsecamente hostil à propriedade dos trabalhadores. Portanto, o comunismo autoritário não pode desfrutar das vantagens obtidas por meio de estruturas de propriedade dos trabalhadores.

Além disso, após 10 anos sob o governo soviético centralizado, os trabalhadores foram observados como "dóceis, atrasados e incapazes de ação" (Zurbrugg; 2014; p27), demonstrando as falhas comparativas em relação à eficácia industrial sob o comunismo autoritário. Além disso, a coletivização agrícola forçada sob Stalin falhou em produzir os grãos necessários para alimentar toda a população, conforme discutido, enquanto comparativamente, as cidades guildas enfrentaram escassez, mas a fome foi evitada. Isso demonstra como a produção econômica é grandemente auxiliada por estruturas anarquistas e pode ser grandemente prejudicada pelo comunismo autoritário.

A logística também se beneficia muito de relações descentralizadas em rede; as empresas de logística modernas geralmente adotaram a organização em rede. Em vez de competir com outras empresas dentro de uma cadeia de suprimentos, as empresas decidiram colaborar, compartilhando informações que aumentam a inovação. Isso então aumentou a vantagem competitiva e o desempenho por meio do aprendizado das melhores práticas (Chapman *et al.*; 2002; p366-368). Aprender com a prática de outros necessita de descentralização; quando a organização é controlada centralmente, a prática é homogeneizada. Portanto, novas e melhores práticas têm menos probabilidade de surgir sob a centralização. Portanto, esses benefícios não poderiam ser alcançados sob as estruturas centralizadas hierárquicas do comunismo autoritário.

No entanto, anarquistas espanhóis exibiram colaboração similar entre especialistas e trabalhadores. Ambos se consultavam ao propor ideias de projetos, compartilhando informações que os outros não tinham (Zurbrugg; 2014; p24), para determinar a melhor abordagem. Isso demonstra como anarquistas também podem alcançar essa forma de colaboração em rede e, portanto, demonstra as vantagens do anarquismo em relação à logística.

## 6.2: Administração

Para forças armadas eficazes, é necessária uma gestão diária eficaz de recursos e pessoas (Gray; 1999; p34-35). Portanto, para uma defesa eficaz, as estruturas sociais devem criar estruturas administrativas eficazes.

Dentro da indústria, sistemas administrativos baseados em tomada de decisão coletiva atraíram interesse por causa de seu potencial para mitigar problemas de eficiência relacionados a hierarquias capitalistas tradicionais (Cheney *et al.*; 2014; p595). Por exemplo, liderança colaborativa, onde trabalhadores são ativos na gestão, mostrou-se promissora para organizações que enfrentam escassez (p596). Isso é muito importante para milícias, pois elas precisam gerenciar recursos de forma eficiente para dar suporte a um esforço de guerra.

Liderança social, onde os gerentes são nomeados pelos trabalhadores, permite a seleção de gerentes que trabalham em prol dos interesses do coletivo. Isso garante uma liderança mais ética, que então promove um senso de satisfação e significância; e aumenta a "propriedade psicológica", onde os sentimentos dos trabalhadores de "eficácia, responsabilidade e pertencimento" aumentam sua eficácia por meio da motivação (Cheney *et al.*; 2014; p595-596). Os MAMs, que, como a milícia anarquista espanhola, nomeiam coletivamente a liderança, têm uma estrutura adequada para adotar essa prática. Os MAMs poderiam, portanto, nomear outros líderes, como instrutores e outros administradores de maneira semelhante, para criar forças mais motivadas, mais eficazes e eficientes.

Portanto, as estruturas anarquistas poderiam facilmente utilizar esses modelos administrativos vantajosos. O comunismo autoritário, no entanto, por causa de sua natureza centralizada, deve confiar nos modelos de gestão autoritária menos eficazes. Lenin implementa relações de trabalho tayloristas, empoderando os gerentes e desempoderando os trabalhadores (Zurbrugg; 2014; p27), o que então contribuiu para a ineficácia da força de trabalho soviética discutida anteriormente. Portanto, como o anarquismo pode utilizar uma administração mais eficaz, o anarquismo ganha vantagem nessa dimensão.

## 6.3: Organização

Confiar na genialidade dos indivíduos significa que a estratégia pode ser comprometida pela incompetência individual (Gray; 1999; p33-43). Portanto, estruturas institucionais fortes são necessárias para agir como um controle sobre essa incompetência individual. Portanto, a defesa eficaz requer estruturas que garantam que membros ineficazes sejam controlados.

Essa proteção institucional à prova de falhas é auxiliada pelo poder coletivo do MAM; quando os líderes são incompetentes, os MAM podem removê-los. No entanto, estruturas autoritárias, por definição, centralizam o poder em menos mãos, garantindo que a estratégia seja muito mais dependente das habilidades dos indivíduos. Por exemplo, quando Stalin, contra o conselho de seus generais, falhou em se preparar adequadamente para um ataque alemão; quando a Alemanha atacou em 1941, a Rússia sofreu perdas militares massivas. Stalin então se retirou para seu quarto por três dias (Admin; 2011). A URSS foi forçada ao desastre e então ficou sem liderança.

Isso demonstra a extrema vulnerabilidade do autoritarismo em relação à incompetência individual; portanto, as estruturas anarquistas detêm vantagem organizacional porque o anarquismo não compartilha as desvantagens extremas do autoritarismo-comunismo.

## 6.4: Inteligência e Informação

A inteligência é importante para um esforço de guerra (Gray; 1999; p35). Se um exército pode atacar sem aviso, o inimigo estará mal preparado para responder, tornando o sucesso mais provável. Por outro lado, se alguém reúne inteligência sobre o inimigo, ele pode efetivamente se preparar para o ataque ou atacá-lo em seu ponto mais fraco. Portanto, ao se defender contra uma invasão, deve-se ocultar suas atividades e descobrir as intenções e habilidades do inimigo.

A natureza democrática do anarquismo implica maior transparência, o que torna o sigilo difícil porque mais pessoas têm acesso a mais informações. No entanto, dentro de sociedades de ajuda mútua,

podem haver regras sociais que podem governar estritamente o comportamento quando a necessidade surge, como visto nas observações de Kropotkin sobre Aleoutes. Essas regras sociais rígidas são encontradas entre caçadores-coletores, grupos íntimos menores. Portanto, o sigilo pode ser alcançado dentro de unidades MAM menores.

Embora operações em larga escala possam ser mais difíceis de esconder para anarquistas, essas desvantagens são equilibradas pela capacidade de organizações descentralizadas de serem muito difíceis de prever. A Al Qaeda planejou ataques por meio de uma "constelação complexa de grupos diferentes" e as células são frequentemente forjadas por meio de relações de parentesco e amizade (Ranstorp; 2005; p41), ou seja, acordo livre horizontal, o que pode torná-las muito difíceis de monitorar (p41) devido à sua complexa estrutura descentralizada.

Os MAMs podem imitar essas estruturas, confiando no planejamento horizontal de unidade para unidade porque unidades menores retêm autonomia, portanto, como sob a Al Qaeda, os MAMs seriam difíceis de prever. Como o autoritarismo depende do controle centralizado, esse tipo de rede evasiva não é uma opção. Portanto, embora o comunismo autoritário possa possivelmente garantir o segredo tradicional de cima para baixo por meio da disciplina, o anarquismo pode alcançar formas alternativas de segredo efetivo indisponíveis ao comunismo autoritário.

Portanto, ambas as estruturas têm suas vantagens e desvantagens, mas nenhuma é claramente superior. No balanço, o anarquismo pelo menos não exibe nenhuma desvantagem clara em comparação com o autoritarismo em relação ao segredo.

Em relação ao acesso a segredos inimigos, grupos descentralizados de base 'Hacktivistas', como anônimos, principalmente adolescentes ou indivíduos desempregados, executaram vários ataques a grandes corporações dos EUA e ao governo dos EUA (Caldwell; 2015; p12-13), incluindo o vazamento de cerca de 4.000 documentos do censo dos EUA (Huffadine; 2016). Isso significa que grupos não hierárquicos de indivíduos relativamente comuns foram capazes de obter informações ocultas do estado mais poderoso do mundo. Isso destaca como as estruturas anarquistas seriam mais do que capazes de recuperar informações sobre o inimigo, não mostrando nenhuma desvantagem clara para o anarquismo.

Portanto, em relação a segredo e espionagem, o anarquismo demonstrou capacidade de executar ambos efetivamente. Portanto, parece não mostrar nenhum sinal de que o anarquismo esteja claramente em desvantagem em comparação ao autoritarismo.

## 6.5: Tecnologia

A tecnologia é uma dimensão importante da estratégia (Gray; 1999; p37-38); o acesso a equipamentos que aumentam a eficácia militar por meio do design inteligente geralmente auxilia na eficácia estratégica. Portanto, ao defender uma sociedade, a sociedade deve ser capaz de inventar tecnologia que melhor auxilie a capacidade defensiva. Para esse fim, a estrutura social da sociedade se beneficiaria da facilitação da inovação tecnológica.

Mason (2015) afirma que negócios baseados em informação funcionam melhor sob estruturas de rede. Para Mason, 'equipes cooperativas, autogerenciadas e não hierárquicas são a forma de trabalho mais avançada tecnologicamente' (p287), enquanto a hierarquia sufoca a inovação. Gestão hierárquica significa gerenciar pessoas, ideias e recursos para um resultado planejado (p287). Isso limita a exploração dentro dos limites do resultado planejado.

A ausência de planejamento rigoroso permite que as redes explorem criativamente novas possibilidades, o que permite inovações novas e não planejadas, tornando as redes altamente inovadoras. As estruturas que mais encorajam a inovação tecnológica são, de fato, estruturas cooperativas descentralizadas e não hierárquicas, combinando perfeitamente com estruturas anarquistas.

Além disso, as redes são problemáticas para o comunismo autoritário porque elas "interrompem tudo acima" (Mason; 2015; p288), o que significa que elas minariam a hierarquia do comunismo autoritário. Isso explica por que Lenin abraçou o taylorismo apesar dos problemas de inovação com hierarquias; as redes teriam sido uma ameaça ao poder centralizado. Portanto, apesar de suas vantagens, as redes são perigosas para o comunismo autoritário. Portanto, as estruturas anarquistas são mais adequadas

para abraçar estruturas que facilitam a inovação e podem, portanto, garantir melhor uma vantagem tecnológica, novamente dando uma forte vantagem ao anarquismo.

## 6.6: Teoria e doutrina estratégica

Teoria estratégica são as ideias que guiam e informam o comportamento estratégico (Gray; 1999; p35-36). Para se defender contra a agressão, a sociedade deve ter estruturas propícias à criação de teoria efetiva. Isso exigiria a facilitação da inovação para que as melhores teorias sejam promulgadas. Conforme discutido, estruturas de rede facilitam maior inovação na esfera econômica, e redes são melhor utilizadas pelo anarquismo. Portanto, o anarquismo facilitaria as teorias mais inovadoras, tornando o anarquismo mais um trunfo para a teoria estratégica efetiva.

Há também uma necessidade de doutrina eficaz. Doutrinas são as crenças que enquadram a estratégia ao estabelecer o que pensar e fazer (Gray; 1999; p36). Para uma defesa eficaz, a doutrina deve enquadrar uma perspectiva estratégica que incentive teoria e prática eficazes. Já discuti como o dogma marxista-leninista restringiu a perspectiva estratégica da URSS na medida em que eles falharam em apreciar a ameaça da Alemanha nazista. Isso não apenas permeia a cultura, mas se aplica mais à doutrina; o marxismo-leninismo era uma estrutura de crença que, como discutido, moldou a estratégia da URSS. Portanto, pela mesma razão que o marxismo-leninismo restringiu a cultura estratégica, restringiu a doutrina soviética. Isso demonstra mais uma vez como a rigidez ideológica do comunismo autoritário é uma responsabilidade estratégica.

Da mesma forma, as práticas culturais vantajosas de algumas sociedades anarquistas que demonstram uma cultura estratégica eficaz podem ser facilmente aplicadas à doutrina estratégica, porque essas práticas culturais também podem ser vistas como crenças e valores que orientam a ação, tornando o anarquismo mais uma vez vantajoso e o comunismo autoritário uma desvantagem.

# Capítulo 7: A Guerra propriamente dita

## 7.1: Operações militares

Para qualquer execução bem-sucedida da guerra, os combatentes devem lutar bem (Gray; 1999; p38-39). O desempenho dos anarquistas espanhóis observado por Marshall e Dolgof fornece evidências de que as estruturas anarquistas podem criar melhores combatentes do que se estivessem sob estruturas autoritárias.

Além disso, sociólogos militares contemporâneos destacam a necessidade de forças flexíveis para responder rapidamente a mudanças rápidas em situações de combate. Propostas para atingir isso incluem a redução da hierarquia (Dedenker; 2003; p415, Bjørnstad & Lichacz; 2011). Isso significa criar estruturas de rede que reduzam longas cadeias de comando (estrutura plana) e dêem mais autonomia aos escalões mais baixos (descentralização). Não precisar buscar permissão de uma longa cadeia de superiores permite um compartilhamento de informações mais eficiente, o que significa que os combatentes podem obter respostas mais rápidas. Autonomia de escalão mais baixo significa que aqueles mais imediatamente envolvidos em combate com acesso à inteligência no terreno podem fazer respostas de maior qualidade. As unidades obteriam respostas mais rápidas e mais adequadas, tornando as forças mais flexíveis e, portanto, mais eficazes (Bjørnstad & Lichacz; 2011; p316-318).

Esta proposta foi testada em exercícios de treinamento, pesquisadores deram a várias unidades questionários com perguntas escalonadas sobre como os sujeitos do teste percebiam um determinado exercício. Ou seja, quão plano, descentralizado, flexível e eficaz era cada exercício (Bjørnstad & Lichacz; 2011; p319-323). Os resultados foram medidos e comparados e tanto a estrutura plana quanto a descentralização se relacionaram positivamente com a flexibilidade e a eficácia (p323-326). Os vínculos entre descentralização e achatamento, e eficácia foram quase inteiramente mediados pela flexibilidade (p326-327), indicando que achatamento e descentralização garantem eficácia por meio da flexibilidade.

Outro estudo similar medindo a relação entre descentralização e achatamento, e flexibilidade apoiou ainda mais essas descobertas, relatando uma relação entre achatamento e flexibilidade, e uma relação positiva mais forte com descentralização e flexibilidade (Bjørnstad & Lichacz; 2013). Isso fornece evidências de que reduzir a hierarquia e a descentralização torna as forças mais eficazes por meio da flexibilidade.

No entanto, estruturas militares tradicionais, como discutido, são centralizadas e hierárquicas, indicando dificuldades em adotar essas novas estruturas. Recentemente, em vez de abraçar esses novos processos, os militares mantiveram a centralização (Bjørnstad & Lichacz; 2013; p778). Portanto, é improvável que estruturas autoritárias utilizem essas vantagens.

Além disso, estudos de organizações militares (Vego, 2003) e civis (Kvande, 2007) indicam que manter algumas características autoritárias enquanto afrouxa outras pode criar problemas de desalinhamento. 'Se a estrutura for alterada de hierárquica para plana ao mesmo tempo em que a autoridade de tomada de decisão é centralizada...' (Bjørnstad & Lichacz; 2011; p318), a carga de tomada de decisão na alta gerência pode se tornar muito pesada e tornar a organização ineficiente'. Manter estruturas autoritário-comunistas significa manter a centralização, indicando que as organizações de rede sugeridas seriam inadequadas para o comunismo autoritário. Portanto, o comunismo autoritário provavelmente não se beneficiaria de modelos organizacionais de rede.

Por outro lado, os MAMs são altamente adequados para utilizar essas estruturas vantajosas. Os MAMs são, por design, estruturas descentralizadas onde a autonomia repousa no nível de unidade menor. Os MAMs já são estruturas planas e descentralizadas, permitindo respostas mais rápidas e de alta qualidade discutidas, sem os potenciais problemas de desalinhamento que assolam o comunismo autoritário. Portanto, as estruturas anarquistas são capazes de utilizar totalmente um modelo organi-

zacional mais vantajoso para eficácia de combate indisponível para o comunismo autoritário. Portanto, em termos de capacidade de combate, o anarquismo desfruta da vantagem.

## 7.2: Comando

Gray (1999) observa como a qualidade do comando é uma dimensão importante; líderes eficazes executam estratégias eficazes. As estruturas sociais devem, portanto, facilitar uma liderança eficaz capaz de explorar vantagens e evitar danos ao executar estratégias defensivas (p39-40).

Primeiro, se o comando deve ser eficaz, o comando deve ser seguido por aqueles que eles comandam. Isso pode parecer problemático para as estruturas anarquistas, dada a natureza antiautoritária do anarquismo. No entanto, como discutido, Orwell observou que os anarquistas espanhóis poderiam ter melhorado a eficiência sem sacrificar sua estrutura de comando democrática, indicando que a estratégia semelhante do MAM de nomeação coletiva de comandantes manteria a coesão da unidade, portanto, os comandantes ainda seriam obedecidos. Além disso, como discutido, na indústria, a liderança sendo escolhida coletivamente aumenta os sentimentos de pertencimento e responsabilidade, o que motiva aqueles que estão sendo liderados a apoiar a organização e, portanto, cria uma liderança mais eficaz. Podemos, portanto, esperar os mesmos efeitos para as unidades do MAM.

Além disso, o comunismo autoritário como Lenin propõe, requer disciplina de ferro, obediência estrita é exigida da base. Isso seria claramente exigido em um contexto militar. Impor essa disciplina significa que os comandantes devem confiar na coerção em vez do senso coletivo de propriedade e responsabilidade apoiando organizações menos hierárquicas. Isso parece *menos* eficiente, pois os combatentes não são tão motivados por um senso de propriedade e responsabilidade. Portanto, a liderança anarquista seria eficaz e mais eficiente do que o comunismo autoritário.

A liderança também deve explorar efetivamente a vantagem e evitar danos. Os MAMs, como discutido, por meio de organizações de rede, permitiriam que comandantes de menor patente tomassem decisões mais rápidas e informadas. Portanto, o comando anarquista seria mais eficaz ao permitir que aqueles na melhor posição para aproveitar uma vantagem ou evitar rapidamente o desastre, o fizessem.

Por outro lado, quando a autoridade é imposta de forma muito estrita, comandantes de nível mais alto que estão mais distantes dos fatos no terreno, são mais livres para ignorar seus subordinados mais bem informados. Já discutimos como Stalin ignorou seus generais sobre os preparativos de guerra de Hitler, o que significa que o comunismo autoritário exibiu essas deficiências. Isso pode ser muito perigoso, como Gray (1999) observa, muitas vezes é vital que combatentes de baixa patente eduquem seus superiores sobre os eventos para que uma estratégia eficaz seja realizada (p44-45). Portanto, o comunismo autoritário cria estruturas que obstruem a capacidade de um comandante de aproveitar a vantagem e evitar danos.

Portanto, o Anarquismo não só pode estabelecer uma liderança coesa mais eficientemente do que o autoritarismo, como também facilita o comando que efetivamente tira vantagem das oportunidades e evita danos melhor do que estruturas autoritárias. Portanto, o anarquismo tem vantagem em relação ao comando.

## 7.3: Geografia

Considerações geográficas afetam muito as considerações militares (Gray; 1999; p40-41). Para se defender contra agressões, as forças devem ser capazes de utilizar a geografia a seu favor. A geografia varia drasticamente de montanhas a planícies, campos, desertos, pântanos, rios e até oceanos, todos desempenham papéis estratégicos significativos com base em sua presença e posicionamento, mas também em sua ausência. Há também fatores artificiais a serem considerados, como cidades, oleodutos, etc. Um relato exaustivo de como as estruturas anarquistas e autoritário-comunistas respondem a essas variantes dentro desta pesquisa é impossível. Portanto, vou me concentrar em duas considerações geopolíticas amplas e significativas que as estruturas anarquistas e autoritário-comunistas são capazes de efetuar, como a infraestrutura pode ser protegida e quão bem as forças podem executar a guerra de guerrilha.

Estados autoritários-comunistas têm historicamente demonstrado promessa de rápido desenvolvimento industrial, conforme discutido. No entanto, como esses estados mantêm autoridade centralizada, isso significa desenvolvimento industrial centralizado, onde grandes cidades se tornam importantes centros industriais. Essa indústria concentrada é mais fácil de gerenciar para autoridade centralizada. No entanto, essa centralização da indústria tornaria esses estados vulneráveis a ataques direcionados, porque eles apresentam um alvo concentrado. Isso torna os estados autoritários-comunistas desenvolvidos industrialmente vulneráveis a bombardeios, especialmente um ataque nuclear. Quando usadas ofensivamente, as armas nucleares são usadas para atingir a indústria concentrada para prejudicar as capacidades industriais militares de um estado (Hobsbawm; 2007; p235).

Em contraste, sociedades anarquistas são descentralizadas, portanto, tendo indústria descentralizada. Isso dispersaria a indústria, tornando ataques direcionados que paralisam a indústria muito mais difíceis e intensivos em recursos. Isso é paralelo ao motivo pelo qual armas nucleares nunca foram usadas no Vietnã, já que a sociedade camponesa era agrária, o que significava que os recursos do país eram dispersos (p235). Portanto, a estrutura descentralizada do anarquismo permite o desenvolvimento da indústria, que é muito menos vulnerável a ataques do que sob o comunismo autoritário.

A guerra de guerrilha é quando unidades menores irregulares, usando suporte local e o terreno (Guevara; 2006; p32), em sua vantagem, a fim de se envolver em conflito indireto para exaurir um inimigo mais forte (Hobsbawm; 2007; p224-226). Isso torna o uso dessa técnica efetivamente um grande assentimento ao defender uma sociedade. Muitos fatores são importantes para a guerra de guerrilha, mas dois são os mais dignos de menção: flexibilidade e suporte local.

A flexibilidade é importante porque pequenas unidades devem ser capazes de coordenar e executar ataques rapidamente com base em sua própria iniciativa (Guevara; 2006; p28). Isso permite que as guerrilhas ataquem repetidamente sem aviso e recuem antes que o inimigo possa responder, esgotando lentamente a vontade política dos inimigos de lutar (Gray; 1999; p43). Os MAMs são estruturados exclusivamente para atingir flexibilidade. Conforme discutido, sua eficácia vem de como sua natureza descentralizada de baixo para cima garante eficácia por meio da flexibilidade. Portanto, as estruturas anarquistas são ideais para o combate de guerrilha, enquanto, conforme discutido, a centralização do comunismo autoritário colide inerentemente com a necessidade de flexibilidade.

Guevara afirma que o apoio popular é vital; guerrilheiros dependem da população para suprimentos (Guevara; 2006; p95) e para ajudar a esconder sua localização, conforme discutido. Se os guerrilheiros perderem apoio, eles correm o risco de perder os suprimentos necessários para continuar lutando e ter sua localização conhecida pelo inimigo. Guerrilhas vencem sobrevivendo ao inimigo evitando combate direto, ambos os quais são impossíveis de alcançar quando se perde sua principal fonte de recursos e o inimigo sabe sua localização.

Os MAMs só lutam quando a população os apoia. Portanto, os MAMs são mais intimamente responsáveis perante a população, o que significa que os MAMs são menos propensos a antagonizar aqueles em quem confiam. Por outro lado, o comunismo autoritário, sendo baseado em autoridade centralizada, é muito menos responsável perante a população, o que significa que decisões que não têm apoio popular são mais propensas a serem tomadas. Guevara (2006) enfatiza a necessidade de punir aqueles que prejudicam os camponeses (p95), ele pode estar correto nessa avaliação, no entanto, isso indica que forças sob comando autoritário são passíveis de cometer esses atos. Caso contrário, isso seria menos importante de enfatizar. Portanto, o comunismo autoritário seria menos capaz de garantir apoio popular, enquanto por meio dos MAMs, as estruturas anarquistas parecem muito mais capazes de garantir esse fator vital.

Portanto, com base nos exemplos discutidos, as estruturas anarquistas, por serem mais capazes de executar os requisitos essenciais da guerra de guerrilha (flexibilidade e garantia de apoio popular), indicam que os anarquistas utilizariam melhor a geografia em combate. Além disso, por causa de sua indústria dispersa, a infraestrutura anarquista também seria muito mais bem protegida. Portanto, o anarquismo ganha vantagens ao explorar a geografia.

## 7.4: Atrito, Acaso, Incerteza

Na guerra, as coisas geralmente não saem como planejado; um ataque surpresa ou condições climáticas incertas podem impedir seriamente a defesa. Mesmo que alguém planeje o máximo que puder, a informação nunca é perfeita e a incerteza é certa (Gray; 1999; 41). Ao lutar uma guerra, as estruturas sociais devem facilitar a adaptação a surpresas inevitáveis.

A estrutura flexível do MAM é responsável por isso. Quando unidades menores têm mais autonomia no campo, elas conseguem mudar rapidamente seus planos e se adaptar quando as coisas dão errado. Eu discuti como unidades menores podem fazer planos mais rápidos e com informações mais ricas. Estar mais informado permite que eles reduzam a incerteza e sejam rápidos para responder ao não planejado. Os MAMs podem, portanto, se adaptar ao seu ambiente de forma eficaz e superar o atrito. Como discutido, a centralidade do comunismo autoritário impede essa mesma flexibilidade e, portanto, as estruturas autoritário-comunistas serão mais lentas e menos eficazes ao responder ao não planejado. Portanto, o anarquismo mais uma vez desfruta de uma forte vantagem.

## 7.5: Adversário

Toda guerra é travada contra um inimigo, se uma estratégia é eficaz depende de quão adequada ela é contra o dito inimigo. Mais importante, o inimigo é uma força inteligente e obstinada, que responde às ações de alguém; 'a estratégia pode funcionar hoje, mas falhar amanhã *porque* funcionou hoje' (Gray; 1999; p42). Para se defender efetivamente contra a invasão, as forças devem, portanto, ser capazes de responder inteligentemente ao invasor.

A flexibilidade alcançada pela redução da hierarquia e centralização, e a adequação dos MAMs na utilização dessas técnicas, torna as estruturas anarquistas especialmente adequadas para responder a um inimigo responsivo. A flexibilidade do MAM significa que os anarquistas podem se adaptar e mudar de estratégia muito rapidamente, tornando as forças anarquistas difíceis de responder rapidamente. Porque eu assumo uma invasão por um estado, o adversário será prejudicado pelos obstáculos para alcançar a flexibilidade por meio da redução da hierarquia discutida anteriormente. As deficiências comparativas do adversário em relação à flexibilidade e, portanto, à adaptabilidade, significam que eles estarão em desvantagem ao lutar contra as forças anarquistas.

Estruturas anarquistas, portanto, frequentemente estariam um passo à frente do inimigo. Além disso, como o comunismo autoritário é inerentemente estatista, ele tem os mesmos problemas de inflexibilidade que assolam os militares tradicionais, tornando-o não tão adequado para lidar com um inimigo responsivo quanto o anarquismo. Isso, portanto, destaca outra vantagem significativa para o anarquismo.

## 7.6: Tempo

Toda estratégia é governada pelo tempo, os ataques podem ser muito cedo ou muito tarde. Distância geográfica ou terreno acidentado afetam a estratégia por causa dos atrasos temporais que isso cria. Em última análise, o tempo é um fator estratégico significativo (Gray; 1999; p42-43). O tempo também é, em última análise, um tópico muito caro para cobrir satisfatoriamente dentro dos limites dados. Portanto, examinarei simplesmente quais estruturas sociais melhor utilizam o tempo durante uma defesa prolongada porque este é um fator importante durante a defesa; os defensores devem, portanto, sobreviver ao ataque de um inimigo para sobreviver.

Gray destaca que o tempo está do lado das forças irregulares (guerrilha) na guerra, porque elas podem evitar a batalha e sobreviver ao inimigo ao minar sua vontade política (Gray; 1999; p43). Já mostramos que os MAMs são um meio melhor de se envolver na guerra de guerrilha por causa de sua flexibilidade superior e apoio popular. Segue-se que eles teriam então uma vantagem temporal porque sua flexibilidade lhes permite evitar melhor o conflito e o apoio aumentado sustenta melhor as forças. Portanto, mais uma vez o anarquismo demonstra sua superioridade estratégica ao comunismo autoritário.

# Capítulo 8: Discussão

## 8.1: Pessoas e Política

O capítulo Pessoas e Política demonstra como, dentro de todas as dimensões relativas às habilidades da população como um todo, o anarquismo provou ser mais vantajoso defensivamente em todas as cinco categorias. Isso ocorre porque, sem a interferência do estado, a população pode buscar diretamente o sucesso em cada uma das categorias, enquanto que, para garantir a supremacia do estado, o comunismo autoritário frequentemente obstrui esses esforços.

Nas **pessoas**, porque a sociedade sem autoridade segue a ajuda mútua, garantir o bem-estar coletivo tem primazia, permitindo que as necessidades da população sejam buscadas diretamente. O comunismo autoritário sendo estatista, deve colocar os interesses do estado em primeiro lugar. Isso não significa que o estado nunca se importa com a população, mas que esse imperativo é filtrado pelo interesse do estado. Se os interesses do estado exigirem que outras questões sejam priorizadas, a própria população pode sofrer, como demonstrado durante a fome soviética.

Essa priorização estatista se torna mais relevante para a **sociedade** por causa da centralização do poder. Isso pode ser ostensivamente para que a população possa ser mobilizada para servir ao bem comum. No entanto, a ajuda mútua demonstra como a sociedade humana já é capaz de agir. Essa centralização política na verdade limita a capacidade das sociedades de sustentar a defesa por meio da busca de garantir o poder centralizado.

O comunismo autoritário torna a população ainda mais incapaz de agir ao limitar seu potencial intelectual. **A cultura** destacou como a necessidade de controle do estado significava impor rigidamente uma estrutura cultural que limitava o pensamento a uma extensão em que a URSS falhou em antecipar a ameaça do fascismo, portanto colocando a sociedade em perigo. Por outro lado, a expressão cultural anarquista em si empregava métodos estrategicamente engenhosos de proteção contra ameaças.

Essa supressão popular explicaria o contraste entre como sociedades de ajuda mútua motivadas são comparadas com a sociedade autoritário-comunista. Na **ética**, o chamado de Trotsky para exércitos de trabalho foi baseado em uma percepção de uma humanidade drasticamente diferente da sociedade auto-organizada. Essa evidência destacou como a necessidade de autoritarismo implicitamente concede que a população é menos motivada à ação do que poderia ser. Isso indicou implicitamente que o autoritarismo-comunista sempre sofre de um déficit na motivação ética.

Essas descobertas destacam como a população sob o comunismo autoritário, porque requer a imposição de autoridade centralizada, enfraquece a sociedade ao limitar sua capacidade de florescer e agir, tornando a população mais vulnerável quando sob ataque. Ao perseguir seus próprios interesses, o comunismo autoritário inerentemente se torna vulnerável de uma forma que a sociedade anarquista não faz.

O comunismo autoritário agrava ainda mais esses problemas ao exigir objetivos políticos que são mais difíceis de atingir. Os atos de supressão do comunismo autoritário também antagonizam a população da qual depende, como demonstrado pelas numerosas rebeliões que os soviéticos enfrentaram. O comunismo autoritário deve repelir um invasor, mas também manter seu controle sobre essa sociedade antagonizada, enquanto a estabilidade histórica do anarquismo significa que ele é livre para se concentrar apenas em repelir os atacantes. Portanto, o comunismo autoritário enfraquece inerentemente a população, ao mesmo tempo em que exige mais dessa população para sobreviver. Portanto, a descoberta demonstra como o comunismo autoritário é uma responsabilidade defensiva nesses aspectos.

## 8.2: Preparativos para a Guerra

O capítulo sobre preparativos de guerra demonstra como a estrutura do anarquismo permite capacidade organizacional superior dentro dos MAMs e na indústria, enquanto as restrições discutidas anteriormente impedem o comunismo autoritário de utilizar essas vantagens. Cinco dimensões provaram ser vantajosas para o anarquismo, com uma sexta meramente correspondendo ao comunismo autoritário.

Examinar **economia e logística** mostrou como o anarquismo permite o controle popular que, como discutido, permite que o anarquismo seja mais produtivo economicamente ao imitar a indústria de propriedade dos trabalhadores. A natureza descentralizada do anarquismo também permite que o anarquismo abrace estruturas de rede que facilitam uma melhor logística. Por outro lado, a centralização e a aversão ao controle popular do comunismo autoritário significam que esses benefícios não estão disponíveis.

Além disso, na **administração**, o anarquismo, mais uma vez por meio do controle popular, provou ser capaz de modelos de liderança mais eficazes e eficientes que garantem melhor a boa gestão diária da milícia. Isso mais uma vez não está disponível para o comunismo autoritário, pois o comunismo autoritário requer estruturas hierárquicas que impedem tais modelos. Além disso, na **organização**, o anarquismo por meio desses mesmos modelos de liderança provou ser capaz de dar conta da incompetência individual, portanto, tornando suas organizações mais à prova de falhas. Isso novamente não está disponível para o comunismo autoritário, pois sua natureza centralizada depende muito da capacidade de alguns, refletindo os problemas encontrados na **sociedade**.

A habilidade do anarquismo de criar uma organização cooperativa não hierárquica também permitiu uma inovação superior. O anarquismo facilitaria **uma tecnologia** mais avançada e **teoria estratégica**, o que mais uma vez não está disponível para o comunismo autoritário devido à sua natureza hierárquica. Além disso, as vantagens discutidas relativas à cultura estratégica foram traduzidas para **a doutrina estratégica**; as mesmas crenças e valores que permeiam a cultura impactam simultaneamente a doutrina, o que significa que o anarquismo desfruta de vantagens semelhantes sobre o comunismo autoritário.

A dimensão que interrompeu essa tendência foi **a informação e a inteligência**. Eu sugeri que o antiautoritarismo do anarquismo o impediu de manter o segredo tradicional, e evidências contraditórias só estavam disponíveis para unidades menores, tornando o anarquismo improvável de ser tão secreto em larga escala. No entanto, isso foi mitigado pela capacidade do anarquismo de perseguir melhor o segredo não tradicional imitando as redes que a Al Qaeda utiliza, o que significa que estratégias eficazes para ocultar atividades ainda estavam disponíveis. Além disso, a capacidade de amadores em grupos descentralizados de se infiltrar em algumas das organizações mais poderosas do mundo provou que o anarquismo seria mais do que capaz de recuperar informações inimigas.

Como não foram encontradas evidências que forneçam uma comparação entre comunismo autoritário e anarquismo, não consegui comparar as duas estruturas como em outras dimensões. No entanto, como os problemas sugeridos pelo anarquismo podem ser mitigados por uma solução altamente eficaz e não tradicional, e que os sucessos dos métodos disponíveis para o anarquismo conseguiram causar sérios problemas para os inimigos da Al Qaeda, fornece fortes razões para inferir das evidências que o anarquismo pelo menos se mostraria formidável a esse respeito. Portanto, é seguro sustentar que o anarquismo não seria desfavorecido no geral a esse respeito, o que significa que a melhor conclusão a ser feita nessa dimensão é que o anarquismo e o comunismo autoritário pelo menos se igualariam.

Ao examinar as capacidades organizacionais das estruturas sociais, pode-se concluir que os modelos anarquistas geram uma infinidade de vantagens indisponíveis ao comunismo autoritário.

## 8.3: A Guerra propriamente dita

O capítulo sobre a guerra propriamente dita deu continuidade à tendência de vantagens consistentes para as estruturas anarquistas, mostrando que, durante o combate em si, as necessidades estruturais do comunismo autoritário mais uma vez o desqualificam de colher os benefícios disponíveis para estruturas descentralizadas.

Isso foi demonstrado pela primeira vez por meio de **operações militares**. Os anarquistas espanhóis provaram ser melhores lutadores do que muitas facções hierárquicas. Além disso, descobertas recentes na sociologia militar apoiam os efeitos superiores da descentralização e da hierarquia reduzida, na flexibilidade e, portanto, na eficácia. O anarquismo mais uma vez provou ser capaz de abraçar essas estruturas devido à estrutura democrática de baixo para cima do MAM, enquanto o comunismo autoritário seria inerentemente menos capaz de utilizar essas forças, dadas as questões inerentes de desalinhamento.

Essa flexibilidade aumentada tornaria o anarquismo mais capaz de responder ao inimigo, como o **adversário**, e também mais bem equipado para lidar com contingências não planejadas, como foi mostrado em **Friction, Chance, Uncertainty**.

A prática de selecionar líderes, que deu à sociedade anarquista melhor liderança na **administração**, também garantiu que os mesmos benefícios de motivação dariam às estruturas anarquistas **um comando** superior em comparação ao comunismo autoritário. Além disso, a estrutura de baixo para cima dos MAMs garantiu que os comandantes mais bem informados estivessem livres para executar as ações mais apropriadas, o que mais uma vez não estava disponível para o comunismo autoritário.

Tive que estreitar meu foco ao abordar **geografia e tempo** devido às várias maneiras de abordar a questão e às restrições desta pesquisa. No entanto, o que eu estava livre para focar destacou vantagens significativas e dignas de nota para o anarquismo. A descentralização da indústria não apenas protegeu a sociedade anarquista ao garantir que sua base produtiva seria difícil de interromper, portanto protegendo melhor a indústria, mas também provou ser uma ferramenta muito eficaz contra as armas mais destrutivas feitas pelo homem, as armas nucleares. Isso é significativo porque anteriormente apenas nações agrárias subdesenvolvidas desfrutavam dessa vantagem, indicando uma troca entre industrialização e vulnerabilidade. O anarquismo fornece proteção e desenvolvimento, tornando isso uma vantagem significativa sobre o comunismo autoritário, cuja centralização garante tal troca.

Além disso, a guerra de guerrilha era muito importante porque fornecia uma tática eficaz contra um inimigo mais forte. A habilidade do anarquismo de se destacar em dois dos aspectos mais significativos dessa tática (apoio popular e flexibilidade), não só fornece ao anarquismo os meios para se defender contra inimigos muito maiores, mas também vantagens em geografia, e também tempo por causa das vantagens temporais dadas a tropas irregulares.

Portanto, no geral, ao comparar o anarquismo ao comunismo autoritário, o anarquismo desfruta de vantagens estratégicas significativas em 16/17 dimensões, enquanto é eficaz o suficiente na 17ª dimensão para que a desvantagem não seja assumida. O anarquismo como um meio de estratégia defensiva está aquém de ser completamente superior ao comunismo autoritário. Portanto, porque o comunismo autoritário agiu como referência para uma estrutura social defensável, as descobertas mostram que o anarquismo excede em muito meus requisitos estabelecidos para ser suficientemente capaz de defesa contra agressões.

## 8.4: Explicando as falhas do anarquismo, o impacto da pesquisa e sugestões para pesquisas futuras

Entretanto, como essas descobertas podem ser válidas dado o fracasso consistente do anarquismo em relação à defesa?

Primeiro, este estudo avalia a vantagem comparativa, eu investiguei se ao estabelecer uma sociedade revolucionária, as relações sociais autoritárias ou anarquistas deveriam governar a sociedade ao considerar a defesa? Como eu isolo os efeitos da estrutura social, eu avalio se uma única sociedade dada estaria *melhor* contra a invasão se eles escolhessem o anarquismo ou o autoritarismo. Portanto, a pesquisa investiga se, por exemplo, a Espanha anarquista, teria uma chance melhor de sobrevivência se fosse autoritária. Portanto, o fato de que ela falhou enquanto outras sociedades autoritárias tiveram sucesso é irrelevante.

Além disso, a descoberta fornece indicações de por que essas revoluções anarquistas falharam, além de uma incapacidade de lutar devido às limitações inerentes ao anarquismo. Primeiramente, assim como relações sociais conflitantes podem causar problemas de desalinhamento para redes, o fato de que os

ucranianos e a Catalunha abraçaram algumas relações autoritárias causou problemas para seu esforço de guerra. O antagonismo de Makno com sua população e a colaboração da CNT com o estado causaram problemas que não teriam sido possíveis em uma sociedade consistentemente anarquista. É por isso que imaginar estruturas de combate alternativas foi importante, porque elas atenuam esses problemas.

Outra questão é a fé popular e o apoio ao anarquismo. Este estudo assume uma sociedade onde o anarquismo está totalmente estabelecido. Isso pressupõe que a população já perceba as táticas anarquistas como viáveis. No entanto, o anarquismo sofre uma reputação de impraticável e ineficaz. Aqueles como Hobsbawm perpetuam essa suposição quando descrevem os anarquistas como desesperados e ineficazes (p113); mais prejudicial é como os anarquistas frequentemente contribuem para essa reputação. A escassez de trabalho anarquista abordando diretamente a defesa é uma maneira pela qual isso acontece. Mais significativo é como os revolucionários anarquistas, como a liderança da CNT, sentem que devem recorrer a táticas autoritárias, como permitir que os anarquistas sejam colocados sob controle do governo, para atingir seus objetivos. Se as táticas anarquistas não forem confiáveis, elas não serão implementadas e, portanto, nunca terão uma chance de sucesso.

Por outro lado, táticas autoritárias desfrutam de um apoio tácito porque se supõe que funcionam. Embora Lenin tenha enfatizado a disciplina que implica coagir a população independentemente de seus desejos, no entanto, o apoio popular, como discutido, também pode ser importante. O governo do estado, portanto, requer algum nível de consentimento popular; o sucesso de táticas autoritárias, portanto, indica pelo menos um apoio tácito. Combinado com as descobertas anteriores, isso indica que o desafio que os anarquistas enfrentam é estabelecer uma base forte de apoio, somente então o anarquismo teria uma chance de se tornar um movimento social bem-sucedido. Para que o anarquismo tenha sucesso, ele deve, portanto, ganhar esse apoio popular muito necessário e fé em sua eficácia, somente então os sucessos potenciais encontrados nesta pesquisa serão realizados.

Como o anarquismo provou ser mais defensável do que o comunismo autoritário nesta pesquisa, embora explique por que essa defensabilidade não se reflete no registro histórico, pode-se concluir que o anarquismo provou ser altamente defensável quando estabelecido e, portanto, defendeu-se nesse aspecto como uma forma viável de práxis revolucionária.

Como esta pesquisa aborda um aspecto muito negligenciado do anarquismo, a descoberta que demonstra a defensabilidade do anarquismo claramente faz uma grande contribuição para um tópico importante e negligenciado no anarquismo. Seguindo isto, como a pesquisa foca no anarquismo e sua interação com estados vizinhos, esta pesquisa sobre anarquismo contribui diretamente para a teoria das relações internacionais. Isto é muito importante, primeiramente, porque faz uma contribuição para uma área de estudo quase totalmente negligenciada dentro da teoria das relações internacionais (Prichard; 2011). Além disto, esta contribuição visa um tópico nas relações internacionais que é frequentemente o escopo dos realistas (Baylis & Wirtz; 2002 ;p6), estratégia militar.

Portanto, a pesquisa fez progressos no estabelecimento da teoria anarquista de relações internacionais como um corpo de pensamento que pode abordar questões frequentemente abordadas apenas pelas relações internacionais tradicionais. Portanto, a pesquisa ajuda o anarquismo a ter um forte impacto no corpo maior do pensamento de relações internacionais. Esse impacto é que, como o anarquismo pode provar ser defensivamente viável, uma sociedade totalmente anarquista ou mesmo várias poderiam encontrar uma base forte na ordem internacional. Isso seria uma grande mudança na ordem global e forneceria um desafio muito forte para teorias de relações internacionais mais centradas no estado.

Além disso, como abordei a questão da defesa dos anarquistas em justaposição ao fracasso dos estados autoritários-comunistas em alcançar o socialismo, enquanto a Espanha anarquista demonstrou sucessos notáveis nesse sentido, estabelecer a viabilidade defensiva do anarquismo permite, portanto, que essa outra vantagem represente um desafio mais sério ao autoritarismo-comunista.

Anteriormente, poderia ser assumido que as falhas do comunismo autoritário em criar o verdadeiro socialismo eram uma troca necessária porque, de outra forma, a sociedade não sobreviveria e, portanto, nenhum ganho poderia ser feito. Agora que o anarquismo pode se demonstrar *mais* defensável que o comunismo autoritário, esse paradigma é rompido, fazendo o comunismo autoritário parecer uma opção muito menos viável. O anarquismo pode ser defensável e comunista, enquanto o comunismo autoritário não pode nem mesmo reivindicar maior defensabilidade. Portanto, esta pesquisa fornece um forte desafio à viabilidade das teorias revolucionárias autoritário-comunistas.

No entanto, como esta pesquisa pressupõe sociedades anarquistas já estabelecidas, a questão do estabelecimento do anarquismo foi negligenciada. Construir sobre esta pesquisa significa analisar como melhor garantir o estabelecimento de tais sociedades para que essas qualidades defensivamente vantajosas do anarquismo sejam realizadas. Isso poderia ser feito reorientando a questão abordada por Rosedale (2010) sobre se os anarquistas devem enfatizar a resistência às estruturas existentes ou a construção de novas (p486-492). O equilíbrio certo em relação a esta questão poderia ajudar as sociedades anarquistas a ganhar uma posição muito necessária dentro da ordem internacional.

## Conclusões e limitações

Comecei definindo o anarquismo como o dismantelamento da hierarquia ilegítima em busca de liberdade e igualdade, combinando isso com o princípio de ajuda mútua para argumentar que uma sociedade anarquista estabelecida seria anarcocomunista. Então levantei a questão de que, apesar dos outros sucessos do anarquismo, ele historicamente provou ser indefensável, o que é problemático quando comparado à estratégia revolucionária mais bem-sucedida do comunismo autoritário. Portanto, argumentei que, para o anarquismo ser considerado uma teoria revolucionária viável, o anarquismo deve provar ser pelo menos tão defensável quanto o comunismo autoritário.

Eu então elaborei sobre como os princípios anarco-comunistas, quando implementados institucionalmente, criam instituições diretas, descentralizadas e democráticas de baixo para cima, de livre associação, e apliquei esse modelo às forças de defesa, criando assim os MAMs. Uma vez totalmente delineado, descrevi como defender o anarquismo significava repelir a invasão, mas também preservar suas instituições.

Com base no que foi estabelecido anteriormente, para que o anarquismo seja defensável, ele deve provar isoladamente que detém tanta ou mais vantagem estratégica quanto o comunismo autoritário ao comparar o sucesso estratégico de cada estrutura em um contexto defensivo quando analisado através do paradigma das 17 dimensões de Gray. Argumentei que o anarquismo seria defensável se provasse pelo menos uma correspondência com o comunismo autoritário em todas as 17 dimensões, delineando que a vantagem seria provada com base em qualquer evidência disponível apoiada por um grau de interpretação para garantir uma análise suficiente.

A descoberta mostrou que em 16 das dimensões o anarquismo provou ser mais estrategicamente vantajoso, o que provou ser eficaz o suficiente em **inteligência e informação** para ser considerado pelo menos uma partida para o comunismo autoritário. Isso demonstrou que, com base na análise, o anarquismo, quando estabelecido, é muito mais defensável do que o autoritarismo. Como o comunismo autoritário agiu como referência para defensibilidade, o fato de o anarquismo exceder isso em todas as dimensões, exceto uma, significa que as descobertas fornecem peso considerável à alegação de que uma sociedade anarquista poderia se defender contra agressões militares externas, o que, portanto, significa que, a esse respeito, o anarquismo provou ser uma forma viável de práxis revolucionária.

Uma limitação desta pesquisa é, em primeiro lugar, que, devido a restrições, fui forçado a limitar meu escopo com exemplos notáveis sendo **o tempo**, onde só consegui focar em um pequeno aspecto da dimensão devido ao seu escopo. O fato de ter que estreitar meu foco *devido* ao tamanho do tópico enfatiza a necessidade de focar nesta dimensão. Isso foi ainda mais agravado com **a geografia**, onde, mais uma vez, devido a restrições, tive que estreitar meu foco para dois assuntos, guerra de guerrilha e infraestrutura, e depois estreitá-lo novamente com a guerra de guerrilha para simplesmente flexibilidade e tempo, quando há muitas outras questões que valem a pena abordar apenas naquele assunto. Essa negligência pode causar problemas para a pesquisa, pois pode negligenciar pontos importantes que alterariam as descobertas desta pesquisa. No entanto, isso não impede que a descoberta discutida seja significativa.

Outra limitação é a dependência das teorias de Gray sobre dimensões estratégicas, pois quaisquer problemas com essa teoria representariam problemas para a descoberta da pesquisa. A pesquisa teria se beneficiado de ganhar espaço para avaliar criticamente a teoria de Gray para determinar completamente se a teoria era completamente sólida. No entanto, dada a descoberta alcançada por meio desse paradigma, atenua a forte dependência dessa teoria.

# Bibliografia

- Admin [author not named]. (2011). Stalin's Breakdown. Available: [www.historyinanehour.com](http://www.historyinanehour.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Alexander, R (1999). *The Anarchists in the Spanish Civil War, Volume 1*. London: Janus Publishing Company . p254.
- Anarcho [alias]. (2008). Mutual Aid: An Introduction and Evaluation. Available: [anarchism.pageabode.com](http://anarchism.pageabode.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Aron, L. (2011). FEATURE Everything You Think You Know About the Collapse of the Soviet Union Is Wrong. Available: [foreignpolicy.com](http://foreignpolicy.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Bakunin, M. (1999/[1871]). What is Authority?. Available: [www.marxists.org](http://www.marxists.org). Last accessed 1st Sept 2017.
- Barma, N. (2017 [last viewed, date not given]). Failed State. Available: [www.britannica.com](http://www.britannica.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Berkman, A (1942). *A.B.C of Anarchism*. 2nd ed. London: Freedom Press. p3-101.
- Bjørnstad, A ; Lichacz, F. (2011). Exploring Network Organization in Military Contexts: Effects of Flatter Structure and More Decentralized Processes. *Military Psychology*. 23 (3), p315-31.
- Bjørnstad, A, L. Lichacz, F, M, J. (2013) "Organizational flexibility from a network organizational perspective: A study of central predictors and moderating factors in military contexts", *Leadership & Organization Development Journal*, Vol. 34 Issue: 8, pp.763–783,
- Bolloten, B, (1991). *The Spanish Civil War: Revolution and Counterrevolution*. Chapel Hill: University of North Carolina. p66.
- Caldwell, T. (2015). Hactivism Goes Hardcore. *Network Security*. 2015 (5), p12-17.
- Casonova, J (2004). *Anarchism, the Republic and Civil War in Spain: 1931–39*. 2nd ed. London: Routledge. p99-158.
- Chapman, Ross L., Soosay, Claudine and Kandampally, Jay 2002, Innovation in logistic services and the new business model : a conceptual framework, *Managing service quality*, vol. 12, no. 6, pp. 358–371.
- Chen, M. (2016). Worker Cooperatives Are More Productive Than Normal Companies. Available: [www.thenation.com](http://www.thenation.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Cheney, G. Santa Cruz, I. Peredo, A, M. Nazareno, E. (2014). Worker cooperatives as an organizational alternative: Challenges, achievements and promise in business governance and ownership. *Organisation*. 21 (5), p591-602.
- Chomsky, N. (1986). *The Soviet Union Versus Socialism*. Available: [chomsky.info](http://chomsky.info). Last accessed 1st Sept 2017.
- Chomsky, N. (1995). Noam Chomsky on Anarchism, Marxism & Hope for the Future. Available: [www.ditext.com](http://www.ditext.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Chomsky, N. (2000). Globalization and its Discontents Noam Chomsky debates with Washington Post readers. Available: [chomsky.info](http://chomsky.info). Last accessed 1st Sept 2017.
- Chomsky, N. (2012/[1989]). What Was Leninism?, March 15th, 1989 (.Available: [www.youtube.com](http://www.youtube.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Cote, R. (2013). *The Five Remaining Communist Countries*. Available: [www.therichest.com](http://www.therichest.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Dandeker, C. (2003). Building Flexible Forces for the 21st Century: Key challenges for the contemporary armed services. In: Caforio, G *Handbook of the Sociology of the Military*. New York: Plenum Publishers. p415.
- Dawkins, R (2006). *The Selfish Gene*. 30th anniversary ed. New York: Oxford University Press. p.viii.
- Dolack, P. (2016). Working Collectively Beats Working for a Boss. Available: [www.counterpunch.org](http://www.counterpunch.org). Last accessed 1st Sept 2017.

- Dolgorf, S (1974). *The Anarchist Collectives*. Quebec: Black Rose Books. p6-7.
- Engels, F. (1974/[1873]). *On Authority*. In: Bean, B. Daghish, R. and Ryanzanskaya, S, W. Marx, Engels, Lenin: *Anarchism and Anarcho-Syndicalism*. 2nd ed. Moscow: Progress Publishers. p102-105.
- Farber, S. (2015). *Cuba's Challenge*. Available: [www.jacobinmag.com](http://www.jacobinmag.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Fuller, T. (2009). *Communism and Capitalism Are Mixing in Laos*. Available: [www.nytimes.com](http://www.nytimes.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Gelderloos (2010). *Anarchy Works*. San Francisco: Ardent Press. p245-247.
- Goodman, W. (1986). *PUTTING PIECES TOGETHER FOR SOVIET FAMINE BOOK*. Available: [www.nytimes.com](http://www.nytimes.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Goodwin, A. (2010) *Evolution and Anarchism in International Relations: The Challenge of Kropotkin's Biological Ontology*, *Global Discourse*, 1:2, p107-126.
- Gray, C (1999). *Modern Strategy*. New York: Oxford University Press. p1-152.
- Graeber, D (2004). *Fragments of an Anarchist Anthropology*. Chicago: Prickly Paradigm Press. p53-54.
- Guardian [author not named]. (2016). *One-party rule best for Vietnam, says leader*. Available: [www.theguardian.com](http://www.theguardian.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Guevara; E, C (2006). *Guerrilla Warfare*. New York: Ocean Press. p1-128.
- Harvey, R. (2016). *Changing our view of worker co-operatives*. Available: [www.thenews.coop](http://www.thenews.coop). Last accessed 1st Sept 2017.
- Herbst, M. (2012). *America's 'actually existing' worker-owned capitalism*. Available: [www.theguardian.com](http://www.theguardian.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Hodgson, G. (2016). *How Capitalism Actually Generates More Inequality*. Available: [economics.com](http://economics.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- HS (hierarchy structure) [author not named]. (2017). *Military Command Structure*. Available: [www.hierarchystructure.com](http://www.hierarchystructure.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Huffadine, L. (2016). *Could our Census be hacked? How 'Anonymous' leaked thousands of usernames, passwords and emails from the US Census Bureau last year*. Available: [www.dailymail.co.uk](http://www.dailymail.co.uk). Last accessed 1st Sept 2017.
- Johnson, E. (2015). *Ayn Rand vs. Anthropology*. Available: [economics.com](http://economics.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Kitchen, M (1976). *Fascism*. Hampshire: Macmillan. p1-11.
- Kropotkin, P (1902). *Mutual Aid: A Factor of Evolution*. New York: McClure, Philips & Co.. p1-328.
- Kropotkin, P (1913). *The Conquest of Bread*. London: Chapman and Hall Ltd. p1-297.
- Kvande, E. (2007). *Doing gender in flexible organizations*. Bergen, Norway: Fagbokforlaget.
- Lenin, V (1999[1920]). *"Left-Wing" Communism: an Infantile Disorder*. Australia: Resistance Books. p1-136.
- Logue & Yates. (2006). *Cooperatives, Worker-Owned Enterprises, Productivity and the International Labor Organization*. *Sage Journals*. 12 (4), p686-690.
- Marshall, P (1993). *Demanding the Impossible: A history of Anarchism*. London: FontanaPress. p.iv-700.
- Mason, P. (2015). *Postcapitalism*. London: Allen Lane, pp. 280–289
- Miller, M (1976). *Kropotkin*. Chicago: University of Chicago Press. p181-199.
- Milne, S. (2006). *Communism may be dead, but clearly not dead enough*. Available: [www.theguardian.com](http://www.theguardian.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Munro, A. (2013). *State monopoly on violence*. Available: [www.britannica.com](http://www.britannica.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Murphy, J. T (2006/[1917]). *The Workers' Committee An Outline of its Principles and Structure*. [www.marxists.org](http://www.marxists.org). Last accessed 1st Sept 2017.
- Perez, L, A. (1997). *Revolution an Response*. In: Perez, L, A *Cuba and The United States: Ties of Singular Intimacy*. 2nd ed. USA: University of Georgia Press. 238–273.
- Prichard, A. (2011). *What can the absence of anarchism tell us about the history and purpose of International Relations?*. *British International Studies Association*. 37 (1), 1647–1669.

- Phillips, P. (2012). Cuba Sets a Global Example for the Achievements of Socialism. Available: [www.globalresearch.ca](http://www.globalresearch.ca). Last accessed 1st Sept 2017.
- Porzuki, N. (2010). Can you name the five remaining communist countries in the world?. Available: [www.pri.org](http://www.pri.org). Last accessed 1st Sept 2017.
- Ranstorp, M (2005) Al-Qa'ida — An expanded global network of terror, *The RUSI Journal*, 150:3, 40–43.
- Rosen, J. (1969). Is Cuba Socialist? – Elite Runs the Show. Available: [www.marxists.org](http://www.marxists.org). Last accessed 1st Sept 2017. (Transcription: Paul Saba. credited to: *Encyclopedia of Anti-Revisionism On-Line*)
- Rossdale, C. (2010). Anarchy is What Anarchists Make of it: Reclaiming the Concept of Agency in IR and Security Studies. *Millennium: Journal of International Studies*. 39 (1), 483–501.
- Scott, J (2009). *The art of Not Being Governed: An Anarchist History of Upland Southeast Asia*. London: Yale University Press. p64-178.
- Stevens, A. Baker, N. (2006). *Making Sense of War*. Melbourne: Cambridge University Press. p27-29.
- Taylor, M (1982). *Community, Anarchy and Liberty*. Cambridge: Cambridge University Press. p1-168.
- Trotsky, L. (1920). About the organisation of Labour. Available: [www.marxists.org](http://www.marxists.org). Last accessed 1st Sept 2017.
- Vego, M. (2003). Net-centric is not decisive. *U.S. Naval Institute Proceedings*, 129(1), 52–57
- Woods, A. (2011). *The Spanish Revolution Betrayed*. Available: [www.marxist.com](http://www.marxist.com). Last accessed 1st Sept 2017.
- Zurbrugg, A. (2014). Socialism and Strategy: A Libertarian Critique of Leninism. *Anarchist Studies*. 22 (1), p17-51.

Biblioteca Anarquista



Chris Beaumont

Defendendo uma Sociedade Anarquista

Determinando se o anarquismo pode manter sua viabilidade como uma teoria revolucionária dentro do escopo e contexto de se uma sociedade anarquista estabelecida é suficientemente capaz de se defender contra agressões militares externas

2017

<https://theanarchistlibrary.org/library/chris-beaumont-defending-an-anarchist-society#toc1>

**bibliotecaanarquista.org**